



MINISTÉRIO DE
MORDOMIA CRISTÃ



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Semana de Mordomia Cristã 2016

O Apocalipse de Elias



Sermonário



Semana de Mordomia Cristã 2016

O Apocalipse de Elias



Autor

André Costa Flores

ACP - Associação Central Paranaense

Autor: André Costa Flores - ACP - Associação Central Paranaense
Revisão: Tradução DSA
Diagramação e Capa: Tiago Wordell
Imagem da Capa: LightStock

2 Semana de Mordomia Cristã 2016

Índice

Apresentação	4
O Mensageiro do Apocalipse	7
O Mensageiro de Malaquias	14
Elias e o tempo de seca	20
Elias e o Restaurador de altares	28
Elias e o fogo que desceu do céu	36
Elias e o chamado profético	44
Elias e o Deus criador	52
Elias e o Deus Redentor	60
Apêndice 1	68
Apêndice 2	69

cl
p
d
S

p
V
o
N
e
M
za

m
te
cu
m
tr

a
fo
te

o
lí
tr
co
co

d
C
g

Apresentação

Se você está lendo esta apresentação, suponho que seja alguém chamado por Deus para uma missão especial. Nunca um interesse por temas de Mordomia Cristã ocorre por acaso. É sempre fruto de um convite pessoal de Deus para uma entrega da vida toda para Seu serviço.

E se você ainda será o pregador da Semana de Mordomia Cristã peço a você que encare este desafio dentro da devida perspectiva. Você é um agente de Deus no Grande Conflito entre o bem e o mal. E o tema deste ano parece encaixar-se perfeitamente nesta perspectiva. Nosso tempo está acabando. O Senhor Jesus está voltando, e talvez este ano seja nossa última oportunidade para realizar uma Semana de Mordomia, convidando a igreja a finalmente entregar tudo para finalização da Obra.

Então, além de utilizar as sugestões de temas oferecidos neste sermônário, fale também de sua experiência com Deus. Conte como Ele o tem levado a fazer entregas, sacrifícios e a praticar a abnegação para cumprir a missão que Ele lhe confiou. Por fim, jamais termine uma Semana de Mordomia Cristã sem fazer um apelo claro e direto para entregas, incluindo de dízimos e pactos.

Não é de dinheiro que o Senhor precisa. Nós é que necessitamos aprender a confiar mais nEle e a colocar tudo a Seu serviço, porque foi Ele mesmo quem disse: “Onde estiver o teu tesouro, ali estará o teu coração”.

O autor da Semana de Mordomia 2016, “O Apocalipse de Elias” é o pastor André Felipe da Costa Flores. Ele trabalha atualmente como líder de Mordomia Cristã e Saúde em Curitiba, na Associação Central Paranaense e é casado com Medi Cristina Adam da Costa Flores com quem tem 2 filhas: Maria Eduarda de 13 anos e Ana Carolina com 5 anos.

Ele iniciou seu ministério pastoral em 2008, como distrital na cidade de Joinville, e já trabalhou como Departamental de Mordomia Cristã na Associação Catarinense e Associação Central Paranaense. É graduado em Teologia pelo UNASP, Engenheiro Coelho.

Que o Senhor o utilize livremente ao falar de Sua graça e de Seus planos quanto ao futuro de todos nós!

Feliz Semana de Mordomia Cristã

Marcos Faiock Bomfim

Mordomia Cristã/DSA

Twitter: @PrMarcosBomfim

Facebook: <https://www.facebook.com/marcos.faiock.bomfim>

Tema 1

O Mensageiro do Apocalipse

INTRODUÇÃO

Estamos iniciando uma jornada profética na Bíblia que culminará com algumas descobertas maravilhosas. Começaremos estudando um texto bíblico que cremos ser a espinha dorsal do adventismo: Apocalipse 14:6 e 7. Com esse texto, procuraremos responder às seguintes perguntas:

1. Qual é o significado do anjo?
2. Quais são as características da mensagem proferida por ele?
3. Quem o anjo representa?

ARGUMENTAÇÃO

I – QUAL É O SIGNIFICADO DO ANJO?

“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:6, 7).

Anjo é uma palavra proveniente do grego (NT) *angelos* que significa “mensageiro”¹. Na Bíblia, anjo pode se referir tanto a seres celestiais quanto ao ser humano, quando este atua como um mensageiro de Deus (Lc 7:24; 9:52; Tg 2:25).

O anjo de Apocalipse 14:6, 7 tem uma mensagem de advertência para apresentar a todos os habitantes da Terra. O fato de esse mensageiro estar voando pelo meio do céu e proclamando sua mensagem em alta voz nos leva a entender que essa é uma mensagem urgente e que não há tempo a perder.

II – CARACTERÍSTICAS DA MENSAGEM DO PRIMEIRO ANJO

Encontramos quatro características distintivas na mensagem do primeiro anjo: (1) prega o evangelho eterno, (2) conclama todos a temerem

1. A palavra correspondente para o hebraico (AT) é *mal'ak*, cujo significado é o mesmo.

a Deus e darem glórias a Ele, (3) apresenta que a hora do juízo é chegada, e (4) leva todos a adorarem aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

1 – Evangelho eterno

A palavra evangelho vem do grego *euangelion*, que significa “boas-novas”. Na Bíblia, o evangelho está ligado às boas-novas de salvação. No entanto, o mensageiro do Apocalipse não anuncia um evangelho qualquer. Não é simplesmente algum evangelho ou um evangelho, mas sim *o evangelho eterno*. O fato de ser eterno significa que nunca teve início e jamais terá fim. É o mesmo evangelho desde a eternidade no passado até a eternidade no futuro. Isso significa também que não há um evangelho segundo o antigo testamento e outro de acordo com o novo testamento.

Que grupo religioso teria as qualificações para apresentar esse evangelho eterno? Podemos dividir o mundo religioso cristão em praticamente três vertentes bem distintas. São elas:

- a) **Evangélicos protestantes:** esse grupo caracteriza-se por todos aqueles que não são católicos ou que surgiram após a reforma da igreja na Idade Média. Dentre as igrejas desse grupo estão todos os evangélicos tradicionais, conservadores ou liberais, pentecostais ou não, etc. Para os evangélicos protestantes, o evangelho ou as boas-novas de salvação se dividem em duas fases: (1) para aqueles que viveram no AT que, segundo os evangélicos, alcançavam a salvação através das obras da lei, e (2) para aqueles que viveram ou vivem no período do NT, onde a salvação é alcançada através da graça mediante a fé. Seria esse o grupo que representa o anjo de Apocalipse 14? Certamente que não. Vimos claramente que ele não apresenta um evangelho eterno, mas sim dois evangelhos, um de acordo com o AT e outro de acordo com o NT.
- b) **Católicos:** o segundo grupo de cristãos é representado pela Igreja Católica. Para os católicos, a salvação não é alcançada pelas obras da lei, nem pela graça mediante a fé, mas sim através dos sacramentos da igreja. São eles: o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, a unção dos enfermos, a ordem e o matrimônio. Segundo a teologia católica, os sacramentos comunicam a graça que salva. Dessa forma, a igreja se torna o próprio

instrumento de salvação.² No entanto, não é possível encontrar na Bíblia esse modelo de salvação através da igreja.

- c) **Adventistas do Sétimo Dia:** os adventistas do sétimo dia compreendem por evangelho eterno a mensagem de Apocalipse 13:8, que fala do “[...] Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (ver também: Gn 3:15, 21; 1Pe 1:18-21; Hb 13:20). Ou seja, a salvação é a mesma para todos, tanto para os que viveram antes da cruz quanto para os que viveram e vivem após a cruz. Esse é o evangelho eterno. O modelo desse evangelho é o cordeiro que foi morto (Gn 3:21) e a graça que foi então comunicada aos nossos primeiros pais imediatamente após a queda. A única diferença é que os do AT eram salvos pela graça mediante a fé no Cordeiro que viria; e nós, do NT, pela graça mediante a fé no Cordeiro que já veio (Jo 3:16). Ninguém jamais foi salvo por qualquer coisa que tenha feito (obras), mas sim pelo que Ele fez por nós! Só temos que aceitar pela fé essa graça disponível desde a fundação do mundo. Esse assunto se tornará mais claro em outro tema que estudaremos ainda nesta semana.

Podemos perceber que a mensagem do evangelho eterno é apresentada pelo remanescente da profecia bíblica, um povo que surgiu especialmente para restaurar essa e outras verdades (Ap 12:17; 14:12).

2 – Temei a Deus e dai-lhe glória

A segunda característica da mensagem do anjo se divide em dois aspectos:

- a) Temer a Deus significa obedecê-Lo na guarda dos Seus mandamentos. O temor ao Senhor e a guarda dos mandamentos sempre aparecem juntos (Dt 5:29; 6:2; 8:6; Sl 111:10; 112:1). De acordo com Salomão, esse é o dever de todo homem (Ec 12:13). O povo do tempo do fim é referido como aqueles que temem a Deus (Ap 11:18; 15:4; 19:5) e guardam seus mandamentos (Ap 12:17; 14:12).
- b) Dar glórias a Deus tem a ver com o cuidado do nosso corpo como o templo do Espírito Santo (1Co 6:19, 20; 10:31). Veremos mais sobre essa característica em outro estudo mais adiante.

Compreendemos então que o mensageiro de Apocalipse 14:6, 7 tem uma mensagem especial relacionada com a guarda dos mandamentos

2. Ver Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 2001 - crenças números 774, 1084 e 1131.

de Deus e com o cuidado do corpo (saúde). Essas características também apontam para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3 – Vinda é a hora do seu juízo

Entendemos que a hora do juízo apresentada em Apocalipse 14:7 está intimamente ligada à purificação do santuário de Daniel 8:14. Esses textos apresentam como pano de fundo toda a história do movimento milerita e o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844 (Ap 10:10). Nesse tempo, iniciou no céu o juízo investigativo da profecia bíblica. Esse dia não só indica o cumprimento das profecias de Daniel 8:14 e Apocalipse 14:7 como é também a data de nascimento do movimento profético que se chamaria Igreja Adventista do Sétimo Dia, povo esse caracterizado pelo anjo que anuncia que o juízo investigativo pré-advento já começou em 22 de outubro de 1844.

4 – Adorem aquele que fez

O que significa o apelo para adorar “aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”? Na Bíblia, encontramos várias vezes as palavras céu, terra e mar aparecendo juntas ou próximas. Quando isso acontece, a Palavra de Deus está nos remetendo ao relato da Criação, e temos uma clara referência ao Deus que fez, ao Deus criador (Sl 146:5, 6; Êx 20:11).

No relato da Criação, conforme descrito em Gênesis 1 e 2, descobrimos o significado e o porquê de adorar “aquele que fez”. A Criação começa em Gênesis 1:1, com as seguintes palavras: “No princípio, criou Deus os céus e a terra”, e segue por todos os dias criados até chegar a Gênesis 1:31 e 2:1, que diz: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia. Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo seu exército”. Muito embora Deus tenha acabado sua obra da criação no sexto dia, a Bíblia nos revela que Deus terminou somente no sétimo dia. Em Gênesis 2:2 e 3, encontramos o seguinte: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera”. Ou seja, a Criação foi concluída no sétimo dia. Apesar de Deus não ter feito nenhuma obra nesse dia, Ele criou o sétimo dia. E mais, além de criar, Deus descan-

sou nesse dia, o abençoou e santificou. Em outras palavras, esse dia foi reservado por Deus para ser um dia exclusivo para adorarmos Aquele que fez todas as coisas.

Em Êxodo 20:8-11, onde encontramos o quarto mandamento da lei de Deus, temos: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro”. O último verso, o versículo 11, conclui mostrando o motivo pelo qual o sétimo dia é um dia santo: “porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou”. O sábado é santo, porque Deus fez desse dia um dia santo. Novamente temos a mesma menção: céus, terra e mar, referindo-se a criação na sua totalidade, e o sétimo dia como sendo um dia especial em que Deus descansou, que Ele abençoou e santificou.

O sábado foi instituído por Deus como uma constante lembrança da criação. Adorar a Deus no dia de sábado significa reconhecê-Lo como nosso Deus Criador e Mantenedor. Isso torna o sábado, além de um dia singular, um sinal entre Deus e Seu povo.

Por que esse apelo para adorar aquele que fez? Na verdade, o grande conflito entre o bem e o mal tem como base a escolha sobre a quem adoraremos. Ou adoraremos ao Senhor, nosso Criador e Redentor, ou inevitavelmente estaremos adorando a besta e sua imagem (Ap 13:4, 8, 12, 15). Aqueles que adoram a besta e sua imagem recebem o sinal, ou a marca da besta (Ap 13:16, 17; 14:9, 11). No entanto, aqueles que adoram a Deus recebem o sinal ou selo de Deus (Ap 7:3; Ez 20:12, 20).

Mais uma vez vemos que as características do anjo apontam para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, inclusive no que diz respeito a guarda do sábado.

CONCLUSÃO

Concluimos que o mensageiro de Apocalipse 14:6, 7 tem seu cumprimento profético com o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia após 22 de outubro de 1844. O movimento adventista é o único que cumpre todas as características da mensagem proferida pelo anjo

pelos seguintes motivos: (1) prega o evangelho eterno; (2) conclama todo o mundo para temer a Deus guardando os Seus mandamentos; (3) possui uma mensagem e um estilo de vida especial de saúde; (4) anuncia que o juízo investigativo pré-advento teve início em 22 de outubro de 1844; e (5) apresenta o sábado como um dia especial de adoração ao Deus Criador e o caracteriza como sendo um sinal distintivo do Seu povo em todas as eras.

Veremos, no entanto que o mensageiro (anjo) do Apocalipse está ligado a um personagem bíblico, e mais, esse personagem é apresentado como sendo um profeta. Quem é esse personagem e por que um profeta? A essa e outras perguntas estaremos conhecendo a resposta nos próximos estudos da nossa série.

APELO

Tendo em vista o conhecimento da mensagem de hoje, quantos gostariam de viver e pregar a mensagem do anjo de Apocalipse 14:6 e 7?

Louvado seja Deus por sua decisão!

Tema 2

O Mensageiro de Malaquias

INTRODUÇÃO

Quando se fala a palavra “Malaquias”, normalmente os ouvintes a relacionam com dízimos e ofertas. Isso se dá pelo fato de 99% dos sermões pregados sobre Malaquias enfatizarem essa questão, nos levando a pensar que a mensagem central desse livro tem a ver com fidelidade. No entanto, isso é uma inverdade.

Malaquias é o último livro do Antigo Testamento e foi escrito no período pós-exílio babilônico. Esse foi um tempo desencorajador para o povo que retornou para Jerusalém com tão altas esperanças. Eles reconstruíram o templo, esperaram e esperaram, mas a glória do Senhor não se manifestou. Além do mais, havia crise, pobreza, opressão, infidelidade aos votos matrimoniais e aos votos da aliança. A frouxidão moral e espiritual, o orgulho, a indiferença, a permissividade e o ceticismo eram predominantes.

Israel, por ser o povo do Senhor, achava muito injusto o que estava acontecendo. A nação escolhida de Deus estava passando por várias provas e dificuldades. Porém, as nações pagãs e idólatras como a Babilônia, depois a Medo-Pérsia e posteriormente a Grécia, prosperavam naquilo que idealizavam. Diante dessa situação, encontramos o texto chave de Malaquias (2:17) que revela o pensamento do povo a esse respeito. Nesse pensamento, além de encontrarmos a mensagem central do livro, vemos que a resposta de Deus dá o desfecho final da história do Seu povo neste mundo.

ARGUMENTAÇÃO

I. A MENSAGEM CENTRAL DE MALAQUIAS

O livro começa com a palavra “sentença” (Ml 1:1), que de pronto nos leva à ideia de um juízo. Deus pronuncia uma sentença contra Israel, porque tanto líderes (Ml 1:6; 2:9) quanto povo (Ml 2:10-16) apostataram dos caminhos do Senhor. Através da pergunta “Onde está o

Deus do juízo?” (Ml 2:17), o povo tenta transferir a culpa de tudo o que estavam passando para Deus.

1. O pensamento do povo (Ml 2:17)

“Enfadais o SENHOR com as vossas palavras; e ainda dizeis: Em que o enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e desses é que ele se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?” (Ver repetição do mesmo pensamento em Malaquias 3:13-15.)

Como vimos anteriormente, a prosperidade alcançada pelos povos pagãos e as dificuldades advindas para o povo de Deus levaram Israel ao pensamento acima descrito. Em suma, esse pensamento está exprimindo os seguintes sentimentos do povo: (1) Como Deus poderia permitir que nações idólatras prosperassem? (2) Para Deus, então, os maus passam por bons; (3) Se Deus fosse justo, faria um juízo onde Seu povo prosperaria, e não os maus.

Infelizmente, esse tipo de pensamento tem permeado a mente de muitos dentre o povo de Deus em nossos dias. Certamente, você já ouviu alguém falar algo como: “Veja, eu não sei o que está acontecendo comigo. Antes eu vivia no mundo, não seguia a Bíblia, nem o sábado ou os mandamentos de Deus, e as coisas iam bem comigo. Agora que me batizei, parece que está dando tudo errado: perdi meu emprego, meus amigos me chamam de crente fanático, minha esposa me abandonou, etc. Isso não é justo! Por quê?” Quem pensa dessa forma, sem perceber, está duvidando do caráter de amor e justiça de Deus. Por esse motivo, esse tipo de pensamento não agrada ao Senhor. Ele já nos deu a maior prova de amor enviando Seu Filho para morrer por nós e em breve virá nos buscar colocando, de uma vez por todas, um fim a toda história de sofrimento e dor promovidos pelo pecado.

2. A resposta de Deus (Ml 3:1-5, 16-18)

À pergunta do povo “Onde está o Deus do juízo?” (Ml 2:17), temos logo a resposta do Senhor conforme descrita em Malaquias 3:1-5, 16-18. Nesses textos, podemos perceber que Deus tinha um dia preparado em que viria fazer Seu juízo, e Ele o executaria da seguinte forma¹:

1. As características do juízo, conforme apresentadas em Malaquias, são semelhantes às descritas por Daniel 7:9-13. Em Daniel 7, é-nos dada uma sequência de eventos históricos: (1) o domínio dos reinos representados pelo leão, urso, leopardo, animal terrível e espantoso, e domínio do chifre pequeno (Daniel 7:1-8, 17-21, 23-25); (2) o juízo investigativo pré-advento (Daniel 7:9-13, 22, 26); e (3) juízo executivo e estabelecimento do reino eterno de Cristo (Daniel 7:14, 22, 27). Seguindo essa sequência de eventos, o juízo investigativo aconteceria depois do domínio do chifre pequeno, ou seja, em algum momento após o ano de 1798 (Daniel 7:25).

- a) Enviaria um mensageiro para preparar o caminho da vinda do Senhor ao seu templo (MI 3:1). Essa vinda ao templo marcaria o início do juízo;
- b) Ouviria o clamor daqueles que O temessem (MI. 3:16);
- c) Assentaria e purificaria Seu povo (MI 3:3);
- d) Teria diante de si livros memoriais (MI 3:16);
- e) Pouparia o Seu povo no grande dia do Senhor (MI 3:16);
- f) Faria, por fim, diferença entre o justo e o ímpio (MI 3:18).

3. O juízo investigativo de 1844

Ellen G. White comenta Malaquias 3:1 da seguinte forma: “A vinda de Cristo ao lugar santíssimo como nosso Sumo Sacerdote, para a purificação do santuário, a que se faz referência em Daniel 8:14; a vinda do Filho do homem ao Ancião de Dias, conforme se acha apresentada em Daniel 7:13; e a vinda do Senhor a Seu templo, predita por Malaquias, são descrições do mesmo acontecimento [...]” (*O Grande Conflito*, p. 426).²

De acordo com a Bíblia e os escritos de Ellen G. White, temos:

- a) A purificação do santuário (Dn 8:14) marca o início do juízo investigativo de 22 de outubro de 1844, tempo esse em que Cristo, como nosso Sumo Sacerdote, passou do lugar santo para o lugar santíssimo no santuário celestial.³
- b) A vinda do Filho do Homem ao Ancião de Dias (Dn 7:13) também é uma referência da passagem de Cristo do lugar santo ao santíssimo para realizar um juízo investigativo. Esse juízo deveria acontecer antes de Cristo vir buscar Seu povo por ocasião da segunda vinda;
- c) A vinda do Anjo da Aliança ao seu templo (MI 3:1) é a mesma referência do início do juízo investigativo de Daniel 7:13 e 8:14, quando Cristo entra no lugar Santíssimo do santuário celestial.

Malaquias apresenta primeiramente o juízo investigativo que teve início em 22 de outubro de 1844 e posteriormente o juízo executivo no grande e terrível dia do Senhor (MI 3:5; Jd 14, 15; MI 3:18; 4:1-3 e 5).

2. Para maiores informações, ler os seguintes capítulos do livro *O Grande Conflito*: (18) Uma profecia muito significativa, (23) O santuário celestial, centro de nossa esperança e (24) Quando começa o julgamento divino.

3. Enquanto Daniel 7 menciona que o juízo aconteceria em algum momento após 1798, Daniel 8:14 e 9:23-27 determina como tendo começado em 22 de outubro de 1844. (Ver nota anterior.)

OU SEJA, A MENSAGEM CENTRAL DO LIVRO DE MALAQUIAS É SOBRE JUÍZO!

Dessa forma, concluímos que, nunca na história bíblica, as profecias de Malaquias foram tão relevantes quanto são para nós hoje.

II. MALAQUIAS E APOCALIPSE 14

Após compreendermos qual é a mensagem central do livro de Malaquias, veremos sua ligação com Apocalipse 14. Apresentaremos sete paralelos textuais entre Malaquias e Apocalipse 14. São eles:

1. Votos matrimoniais: o mensageiro de Malaquias 3:1, à semelhança do anjo (mensageiro) de Apocalipse 14:6, tem como precedente textual uma mensagem referente aos votos matrimoniais (Mt 2:11 e Ap 14:4).

2. O mensageiro: na Septuaginta (texto em grego para o AT), o termo usado para mensageiro em Malaquias 3:1 é *angelon*. Essa é a mesma palavra grega usada para anjo ou mensageiro em Apocalipse 14:6, 8 e 9.

3. Juízo investigativo: tanto no Apocalipse quanto em Malaquias, está presente o tema do juízo. Na profecia de Malaquias, o tema principal é a declaração do juízo de Deus, e esse é primeiramente um juízo investigativo. A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7 começa com a proclamação da vinda do juízo de Deus: “[...] Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo [...]”.

4. Juízo executivo: após o juízo investigativo, na profecia de Malaquias, é visto claramente um juízo executivo (Mt 3:2; 4:1-3). O mesmo acontece no Apocalipse: a mensagem do terceiro anjo profere a condenação final para Babilônia e seu falso sistema de adoração (Ap 14:8-10). Outra referência ao juízo executivo aparece em Apocalipse 14:17-20, na descrição da vindima e do grande lagar da cólera de Deus.

5. Criação e adoração: a segunda parte de Apocalipse 14:7 diz assim: “[...] adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. Em Malaquias 2:10, encontramos: “[...] não nos criou o mesmo Deus?”.

Ambas as mensagens remetem à criação, sobretudo, também à adoração. O papel de Babilônia é levar à idolatria ou falsa adoração. Já o papel do mensageiro de Apocalipse 14:7 é restaurar a verdadeira adoração.

6. A lei de Deus: na profecia de Malaquias, temos um chamado para retornar à lei de Deus (MI 4:4). Semelhantemente, em Apocalipse 14:12, temos declarado que os santos andam em conformidade com a lei de Deus.

7. Redenção dos justos: o “dia do Senhor” trará salvação para os justos (MI 3:17, 4:2). No término da mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, é apresentado o Filho do Homem sentado sobre uma nuvem branca. Ele tem na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada para ceifar a terra (Ap 14:14-20). Esse é o dia da salvação para os santos (Ap 14:12). A nuvem descrita aqui é a segunda vinda de Cristo. (Ver também Apocalipse 1:7; Mateus 24:29-30; 1 Tessalonicenses 4:17.)

III. O MENSAGEIRO REVELADO

De acordo com os paralelos textuais apresentados, fica claro para nós que as mensagens de Malaquias e Apocalipse estão intimamente ligadas. O mensageiro de Apocalipse é o mesmo mensageiro de Malaquias; a mensagem e a obra de ambos são as mesmas. Além do mais, esse mensageiro é identificado no livro de Malaquias como sendo o profeta Elias (MI 4:5; Mt 11:10 e 14).

CONCLUSÃO

Em nosso estudo de hoje, vimos que a mensagem central do livro de Malaquias é sobre o juízo. Primeiramente um juízo investigativo, tendo iniciado em 22 de outubro de 1844, e posteriormente um juízo executivo, com a destruição dos ímpios e o estabelecimento do reino eterno de Cristo por ocasião da Sua segunda vinda. Identificamos também que a mensagem de Malaquias está intimamente ligada à mensagem de Apocalipse 14. Vimos ainda que o mensageiro de Apocalipse é o mesmo mensageiro de Malaquias, sendo ele identificado com a figura do profeta Elias.

Conforme o estudo de ontem, o anjo de Apocalipse 14 aponta para o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) e seu papel

profético na história. Isso nos leva à conclusão de que a IASD cumpre o papel de Elias. Surgem então as perguntas: “Por que Elias? E por que um profeta?” Os próximos estudos da nossa série tratarão de responder a essas questões.

Por fim, é essencial sabermos que Deus tem um carinho especial pelo seu povo. Aqueles que temem ao Senhor são para Ele um particular tesouro (MI 3:17). Malaquias revela também que Deus atenta e ouve o clamor dos justos (MI 3:16), e no fim dará a recompensa àqueles que serviram ao Senhor de todo seu coração (MI 3:18; 4:2).

APELO

É possível que tenha alguém aqui que esteja passando por dificuldades por ter decidido seguir a Palavra de Deus. Fique firme. Saiba que você é para Deus um tesouro particular. Ele tem cuidado de você e guardará a sua vida até o final, quando juntos moraremos com o Senhor para todo o sempre.

Quantos gostariam de entregar a vida ao Senhor certos de que Ele tem cuidado de nós e de que por fim receberemos a recompensa eterna?

Amém! Louvado seja Deus por sua decisão. Vamos orar.

Temas 3

Elias e o tempo de seca

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos até aqui, chegamos à conclusão de que o anjo de Apocalipse 4 é o mesmo mensageiro de Malaquias 3:1, e que ambos são identificados na profecia com a figura do profeta Elias. Surgem então as perguntas: “Por que Elias? E por que um profeta? Quais seriam os propósitos de Deus em chamar o anjo de Apocalipse 14 de Elias?” O estudo dessa profecia se revelará uma das mais fascinantes revelações proféticas da Bíblia. Como um tabuleiro de um grande quebra-cabeças, a última profecia do AT tem como objetivo “juntar as peças” de várias profecias bíblicas relacionadas ao tempo do fim para, então, formar um lindo e maravilhoso quadro profético. Veremos que a Bíblia toma alguns eventos da vida e obra do profeta Elias e os aplica no cumprimento da profecia de Elias conforme Malaquias 4:5.1

ARGUMENTAÇÃO

I. Deus encia Elias para profetizar sobre um período de seca

O profeta Elias entra na história com uma aparição diante do rei Acaabe profetizando sobre um período de seca. Elias disse que por anos não haveria orvalho nem chuva, senão segundo a sua palavra (1Rs 17:1). Por que motivo Deus não enviaria chuva sobre Israel nos dias de Elias?

1. Por que não choveria todo esse tempo?

- a) **O mandamento de Deus:** em primeiro lugar, vemos que Deus, em Seus mandamentos, fez uma clara advertência ao ser humano para que não tivesse outros deuses e nem fizesse qualquer imagem de escultura de deus algum. O mandamento diz: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de

1. A aplicação desses aspectos da vida do profeta Elias no cumprimento da profecia de Malaquias 4:5 não são tomados aleatoriamente. Os princípios de interpretação profética usados em nosso estudo podem ser mais bem compreendidos em: FLORES, A. F. C. O ELIAS PROFÉTICO: Um estudo sobre a interpretação neo-testamentária da profecia de Malaquias 4:5. Kerygma Revista Teológica do Unasp, Engenheiro Coelho, v. 4, nº 1, 1 sem. 2008. Disponível em: <<http://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/239/243>> Acesso em: 26 mai. 2015.

escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás [...]” (Êx 20:3-5).²

- b) **Promessa para os observadores da lei:** em segundo lugar, Deus dá algumas promessas para os observadores da lei. Em Levíticos 26:3 e 4, encontramos uma delas, que diz: “Se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os cumprirdes, então eu vos darei as chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua colheita, e a árvore do campo dará o seu fruto”. A condição para receber as bênçãos estava ligada à obediência aos mandamentos. Deus não está requerendo aqui uma obediência legalista, mas uma obediência motivada pelo amor. Os próprios mandamentos se resumem na palavra “amor” (Mt 22:34-40; Dt 6:5; Lv 19:18), e João declara que o próprio Deus é amor (1 Jo 4:8), ou seja, rejeitar a lei é rejeitar o próprio Deus. Aqueles que guardam a lei estão dando uma resposta de amor a Deus por tudo o que Ele é, fez e faz por nós (Jo 14:15).
- c) **Uma advertência do Senhor:** Deus deixou os mandamentos proibindo a idolatria, deixou as promessas de bênçãos aos obedientes, mas também fez uma advertência: “Que não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus; e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o SENHOR teu Deus repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus” (Dt 4:19). Precisamos notar que Deus foi claro em prevenir a adoração ao sol, à lua, às estrelas e ao exército dos céus.
- d) **A consequência da desobediência:** qual seria a consequência para aqueles que fossem desobedientes e não seguissem os conselhos de Deus? Segundo Deuteronômio 28:23 e 24, ao invés de chuva, eles receberiam pó e poeira: “E os teus céus, que estão sobre a cabeça, serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti, será de ferro. O SENHOR dará por chuva sobre a tua terra, pó e poeira; dos céus descerá sobre ti, até que pereças”.
- e) **A condição de Israel nos dias de Elias:** nos dias de Elias, a idolatria era predominante. Jezabel, a rainha fenícia, havia introduzido a adoração a Baal e Aserá³ (1Rs 16:31-33). O culto a esses

2. Ver também Levíticos 26:1 e 2 e Deuteronômio 4:10-19.

3. Em algumas versões bíblicas, o nome Aserá também aparece traduzido como poste-ídolo.

deuses aparece associado à adoração ao sol, à lua, e a todo o exército dos céus⁴ (2 Rs 21:3-5; 23:4-7). “Montes e vales resoavam com o ébrio clamor de um sacerdócio pagão que sacrificava ao Sol, à Lua e às estrelas” (*Patriarcas e Profetas*, p. 115). A apostasia foi tão grande que a Bíblia diz que Acabe se tornou o rei que fez o que era mau mais do que todos os que foram antes dele (1 Rs 16:30). Esse tempo de extrema apostasia em decorrência da idolatria às imagens de Baal e Aserá, bem como a adoração ao sol, à lua, e às estrelas, fez com que Deus permitisse que a consequência da desobediência predita em Deuteronômio 28:23 e 24 chegasse sobre seu povo impenitente. O tempo de seca chegou sobre Israel e Elias seria então sustentado pelo Senhor em um local deserto (1 Rs 17:2-4).

2. Por quanto tempo não choveu nos dias de Elias?

Em Tiago 5:17 e Lucas 4:25, lemos que o período de seca foi de três anos e seis meses.

II – UMA PROFECIA COM DUPLO CUMPRIMENTO

1. João Batista: um tipo de Elias

O início do evangelho de Lucas relata o anúncio do nascimento de João Batista. O anjo Gabriel descreve a Zacarias qual seria o papel desempenhado por seu filho da seguinte forma: “E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias [...]” (Lc 1:16, 17). Nessa passagem, podemos notar claramente que não se trata da vinda do profeta Elias em pessoa, mas de alguém que viria “no espírito e poder” do mesmo.

2. O papel do anjo Gabriel

Lucas 1:19 mostra que aquele que veio notificar Zacarias quanto ao nascimento do seu filho foi o anjo Gabriel. Na Bíblia, o nome Gabriel só ocorre no livro de Lucas 1:19 e 26 e Daniel 8:16 e 9:21. Esses textos fazem uma ligação da profecia de Malaquias com o livro de

4. Alguns dicionários bíblicos associam também Baal com o deus sol: (1) The Anchor Bible Dictionary: “Há todos os motivos para acreditar que Baal de Jezabel era de fato Baal-Shamem”, que equivale ao deus-sol; (2) Easton’s Bible Dictionary: “O deus-sol, sob o título geral de Baal, ou ‘senhor’, era o principal objeto de adoração dos Cananitas”; (3) Eerdmans Bible Dictionary: “A suposição é que originalmente Baal, como um título de adoração e possivelmente a personificação do sol, era o nome de uma deidade masculina que subsequentemente se tornou a principal deidade para várias regiões [...]”

Daniel, através da referência a Gabriel. E isso não acontece por acaso. Em Daniel 8:14, temos a visão das 2.300 tardes e manhãs, e quando Daniel recebeu essa visão, ficou claro que ele não havia compreendido o sentido (Dn 8:26, 27). O anjo Gabriel aparece trazendo o significado da profecia das 2.300 tardes e manhãs em Daniel 9:21-27. Uma parte dessa visão apontava para o tempo da vinda do Messias, bem como para Sua obra (Dn 9:26, 27). Quando essa parte da profecia se cumpriu, o mesmo anjo que deu a explicação a Daniel apareceu novamente, mas agora para Zacarias e Maria para anunciar que o tempo estava se cumprindo e o Messias estava chegando. Mas isso não aconteceria sem que primeiro Deus enviasse o mensageiro que prepararia o caminho para a primeira vinda de Cristo.

3. Uma profecia com duplo cumprimento

Em Mateus 17:10-13, quando Jesus foi questionado quanto à vinda de Elias, temos: “Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles. Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”. Jesus responde aos discípulos dizendo que a profecia de Elias teria um duplo cumprimento. Ele fala de um “Elias” que já veio, que os discípulos entenderam que se referia a João Batista (v. 12, 13), e de um “Elias” que virá, e quando Ele vier restaurará todas as coisas (v. 11). Dessa forma, a Bíblia nos apresenta três “Elias”:

- a) **O profeta Elias:** conforme aparece nos livros de 1 e 2 Reis;
- b) **João Batista:** como um tipo de “Elias”, aquele que veio preparar o caminho para a primeira vinda do Messias ao Seu tempo na Terra (Mt 3:1). Esse é o primeiro cumprimento da profecia de Malaquias 4:5;
- c) **O “Elias” que virá:** sobre esse “Elias” nos é dito que ele viria para restaurar todas as coisas. Em nosso estudo o chamaremos de *Elias profético*. Esse é o segundo cumprimento da profecia. Quem é Ele, qual é a Sua obra, quando Ele virá e por quê? As respostas a essas perguntas revelarão o caráter extraordinário dessa profecia!

III – A HISTÓRIA SE REPETE

1. Um início marcado por perseguições:

Após o Pentecostes, os discípulos partiram cheios do Espírito para pregar a mensagem da salvação. No entanto, o início do cristianismo foi marcado por perseguições de todos os lados. Basta lermos a história no livro de Atos. Os cristãos primitivos foram perseguidos tanto pelos líderes judaicos quanto pelos romanos. O ódio a Cristo, por parte da liderança judaica, foi transferido para aqueles que agora refletiam Sua imagem e falavam com a autoridade que Ele possuía. Os romanos também perseguiram os cristãos nos primeiros séculos da nossa era, e os motivos eram basicamente dois: (1) apesar de serem cristãos, eles eram primariamente judeus, e, por questões políticas, os judeus e os romanos não se davam; e (2) a igreja primitiva tinha praticamente tudo em comum com os judeus – eles tinham o mesmo Deus, a mesma Bíblia e o mesmo dia de guarda (sábado). Ou seja, para os romanos, os cristãos e os judeus se tratavam do mesmo grupo de pessoas. Com as perseguições, a igreja foi por muito tempo protegida de falsas doutrinas. Isso não quer dizer que não houve um esforço de Satanás para desvirtuar a verdade (At 20:29). Mas em virtude das perseguições, eram muito mais os conversos de coração que estavam dispostos a pagar o preço da entrega de suas vidas a Jesus do que aqueles que se converteriam por algum interesse.

2. O fim das perseguições e a entrada das falsas doutrinas na igreja⁵

Foi no início do quarto século que o imperador romano Constantino promoveu o Édito de Milão (ano 313 d.C.) acabando oficialmente com toda perseguição, especialmente a do cristianismo. Além de decretar liberdade religiosa, Constantino disse ter se tornado um cristão, fazendo desta a religião oficial do império romano.

“Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela [a igreja cristã] de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas” (*O Grande Conflito*, p. 49).

5. Para maiores informações, ler o capítulo três do livro *O Grande Conflito: Como começaram as trevas morais*.

No ano 321 (d.C.), o mesmo imperador promulgou a primeira lei ordenando o repouso no primeiro dia da semana. No império romano, o primeiro dia da semana era o dia de adoração ao deus sol, e o nascimento do deus sol era comemorado uma vez por ano no dia 25 de dezembro.

“A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo” (*O Grande Conflito*, p. 49).

Dessa forma, Constantino promoveu o surgimento da Igreja Católica. Os templos pagãos passaram a ser gradativamente adaptados para serem templos cristãos. O dia de sábado como dia de adoração foi transferido para o domingo, o dia do sol. Observe o que diz a crença 2174 do Catecismo da Igreja Católica: “Reunimo-nos todos no dia do sol, porque é o primeiro dia (após o sábado dos judeus [...])⁶” Através do seu livro de doutrinas, a própria igreja romana testifica do domingo como sendo o dia do sol, e não o dia do Senhor.

3 – O Elias profético fugiu para o deserto

Apartir de Constantino, a igreja cristã começou a perder fortemente a sua identidade bíblica e passou gradativamente a assumir as características dos cultos pagãos romanos. A apostasia marcada pela idolatria dos dias do profeta Elias começou a ser vivida na história do cristianismo. O Israel moderno de Deus passou a adorar no dia do sol, imagens de escultura foram introduzidas na igreja e assim se cumpriu a profecia de Daniel 7:25: “Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.”⁷ Um tempo, dois tempos e metade de um tempo corresponde a três tempos e meio, ou três anos e meio (Daniel 11:13), o mesmo período que não choveu sobre a terra nos dias do profeta Elias.

6. Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

7. Para maiores informações, ler os seguintes capítulos do livro *O Grande Conflito*: (15) A escritura sagrada e a revolução francesa e (25) A imutável lei de Deus.

Os livros de Daniel e Apocalipse mencionam várias vezes o mesmo período:

- a) Tempos: Daniel 7:25; Apocalipse 12:14;
- b) 42 meses: Apocalipse 11:2, 3 e 6; 13:5;
- c) 1260 dias: Apocalipse 11:3; 12:6

Esse período se estendeu do ano 538 d.C. ao ano 1798 d.C.⁸, e foi marcado pelo domínio da igreja romana na Idade Média com a inquisição e as cruzadas. Foi um grande tempo de seca espiritual. Durante esse tempo, as duas testemunhas de Apocalipse 11:2-6 tiveram autoridade para fechar o céu para que não chovesse, e o Elias profético foi perseguido pela Jezabel descrita na igreja de Tiatira (Ap 2:20). Tiatira caracteriza o tempo do domínio da igreja Católica na Idade Média, e é também apresentada como sendo a meretriz de Apocalipse 17.

O Elias profético é identificado como sendo a mulher pura de Apocalipse 12. Ela se manteve fiel aos mandamentos de Deus (v. 17) e teve que fugir para o deserto onde Deus a sustentou por 1260 dias (v. 6 e 14). Os três “Elias” do nosso estudo são perseguidos por mulheres com as mesmas características: o profeta Elias foi perseguido por Jezabel; João Batista, por Herodias; e o Elias profético, pela Jezabel escatológica de Apocalipse 3:20 e 17:1-5.

CONCLUSÃO

No estudo sobre o profeta Elias, vimos que: (1) Deus o enviou para profetizar sobre um período de seca por causa da apostasia em decorrência da idolatria e adoração ao sol; (2) Elias foi sustentado pelo Senhor em um local “deserto” por três anos e meio. Acerca do Elias profético, também vimos que: (1) passou por um período de seca espiritual caracterizado pela apostasia em decorrência da idolatria e adoração no dia do sol; (2) foi sustentado por Deus durante os 1260 dias/anos (538 d.C. a 1798 d.C.), que correspondem aos três anos e meio proféticos.

Mas a história não acaba aqui. Jesus mencionou que o Elias que viria restauraria todas as coisas (Mt 17:11). A Bíblia menciona que o profeta Elias retornou e restaurou algo após os três anos e meio de seca, e isso nos leva a compreender que o Elias profético também deveria re-

8. Acerca da aplicação do princípio dia-ano nas profecias, ler: Timm, A. R.: Simbolização em miniatura e o princípio ‘dia-ano’ de interpretação profética. Parousia 3 (N. 1): 33-46. Disponível em: < <http://circle.adventist.org/files/unaspress/parousia2004023310.pdf> > Acesso em: 28 mai. 2015

tornar em algum momento depois de 1798 e restaurar todas as coisas. O que o profeta Elias restaurou, e o que o Elias profético restauraria? A resposta a estas perguntas será vista em nosso próximo estudo.

APELO

O povo de Deus dos últimos dias é chamado de “Elias”. Ele é o anjo de Apocalipse 14, o mensageiro de Malaquias e a mulher pura de Apocalipse 12. As características desse Elias profético apontam para aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus (Ap 12:17). A Igreja Adventista do Sétimo dia é aquela que cumpre todas as características dessa profecia. Por isso, Satanás está tão irado contra ela.

Gostaria você também de fazer parte desse povo unindo-se à profecia bíblica de Elias?

Amém! Louvado seja Deus por sua decisão. Vamos orar.

Tema 4

Elias e o Restaurador de altares

INTRODUÇÃO

No estudo de ontem, começamos a montar o nosso quadro profético de Elias.¹ Baseados na forma como os escritos de Daniel, Apocalipse e os quatro evangelhos interpretam a profecia de Malaquias 4:5, podemos notar que existem alguns eventos da vida e obra do profeta Elias que se aplicam ao Elias profético. Sobre o profeta Elias, vimos que: (1) Deus o enviou para profetizar sobre um período de seca que viria por causa da apostasia em decorrência da idolatria e adoração ao sol; e (2) foi sustentado pelo Senhor em um local “deserto” por três anos e meio. Acerca do Elias profético, também vimos que: (1) passou por um período de seca espiritual caracterizada pela apostasia em decorrência da idolatria e adoração no dia do sol; e (2) foi sustentado por Deus durante os 1260 dias/anos (538 d.C. a 1798 d.C.), que correspondem aos três anos e meio proféticos.

No entanto, o paralelo profético continua. Jesus mencionou acerca do Elias que viria e que, quando ele viesse, restauraria todas as coisas (Mt 17:11). Após os três anos e meio de seca, o profeta Elias conclamou Acabe, os profetas de Baal e todo o povo de Israel para um encontro no Monte Carmelo (1Rs 18:19). Os profetas de Baal foram desafiados a preparar uma oferta e pô-la sobre o altar, mas não podiam colocar fogo, e o mesmo faria ele. O deus que respondesse com fogo do céu seria o verdadeiro Deus de Israel (1Rs 18:24). Após um dia clamando sem receber qualquer resposta de Baal (1Rs 18:25-29), Elias deu um basta em todo aquele falso sistema de adoração, chamou todo povo a ele e “restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas” (1Rs 18:30).

O que a restauração do altar (1Rs 18:30) feita pelo profeta Elias após os três anos e meio de seca teria a ver com a restauração de todas as coisas por parte do Elias profético? (Mt 17:11). Para podermos responder à pergunta de hoje, conheceremos sobre o altar, suas características e significados.

¹. Ver quadro profético no Apêndice 1.

ARGUMENTAÇÃO

I – O ALTAR

1. Características dos altares

Apesar de termos uma clara referência bíblica de um sacrifício expiatório pelo pecado de Adão e Eva em Gênesis 3:21,² a primeira vez que aparece explicitamente um altar na Bíblia é nos sacrifícios oferecidos por Caim e Abel (Gn 4:1-5). Ellen G. White comenta que os anjos acendiam “com suas próprias mãos os fogos dos altares”.³ Ao Abel oferecer sua oferta, Deus se agradou (Gn 4:4) e enviou “fogo do Céu, e consumiu o sacrifício”.⁴ Normalmente, o animal era um cordeiro, e o fogo era uma manifestação especial de Deus como prova de aceitação da oferta (1Rs 18:38).

2. Significados dos altares

Existem três significados para os altares e ofertas de sacrifícios. São eles:

- a) **Adoração:** erguer um altar e sacrificar uma oferta era uma demonstração de culto ao Senhor e identificava os verdadeiros adoradores de Jeová.
- b) **Testemunho:** tomando como exemplo Abraão, em suas peregrinações, que costumava construir altares que se tornavam exemplos da verdadeira adoração (Gn 12:7, 8; 13:18; 22:1-19). Ellen White comenta que: “Onde quer que ele armasse a tenda, junto construía o altar, convocando todos os que faziam parte de seu acampamento para o sacrifício da manhã e da tarde. Quando a tenda era removida, o altar ficava” (*Patriarcas e Profetas*, p. 82). Os altares que ficavam para trás serviam de testemunho para que outras caravanas ou viajantes, que porventura passassem por aquele lugar e vissem o altar erguido, soubessem que por ali havia estado um verdadeiro adorador de Jeová.
- c) **Salvação:** dentre os vários significados dos sacrifícios de cordeiros sobre o altar, ressaltamos quatro deles: (1) os sacrifícios

2. Muito embora Deus tivesse providenciado a oferta, foi Adão quem teve que fazer o sacrifício matando o primeiro cordeiro. Através desse ato, ele deveria, pela fé, contemplar o sacrifício de Jesus. Ver E. G. White, *Patriarcas e Profetas*: (cap. 4) O plano da redenção.

3. E. G. White, *O Grande Conflito*, p. 631.

4. Idem, *Patriarcas e Profetas*, p. 40.

apontavam para o verdadeiro Cordeiro que viria tirar o pecado do mundo (Jo 1:29); (2) era necessário derramamento de sangue para a remissão dos pecados (Hb 9:22); (3) um substituto deveria morrer em lugar dos pecadores (Gn 22:11-14); e (4) a salvação era eficaz para todos os que cressem sem qualquer mérito próprio, bastava aceitar o sacrifício pela fé (Ef 2:8-10).

II – OS SERVIÇOS DO SANTUÁRIO

A compreensão do significado do altar é ampliada com a construção do tabernáculo no deserto (Êx 25:8, 9), e o estabelecimento dos rituais de sacrifícios que lá ocorriam. O ministério do santuário consistia em duas partes: um serviço diário e outro anual.⁵

1. O serviço diário: como o próprio nome diz, esse serviço acontecia cotidianamente e também pode ser chamado de *contínuo*. O diário era dividido em duas partes: (1) sacrifício coletivo e (2) sacrifício individual.

- a) **Sacrifício coletivo:** esse cerimonial acontecia diariamente no holocausto da manhã e da tarde. Toda manhã e tarde, o sacerdote queimava um cordeiro de um ano sobre o altar. Esse sacrifício era símbolo de que um cordeiro havia sido morto por toda a congregação de Israel. Completando essa parte do ritual, os sacerdotes também apresentavam diante do véu no lugar santo uma oferta de incenso. O incenso que subia diante do véu em direção ao lugar santíssimo simbolizava as orações dos santos sendo levadas diante de Deus.
- b) **Sacrifício individual:** não bastava um cordeiro morrer por toda a congregação de Israel no ritual do sacrifício coletivo. A parte mais importante do ministério diário era o serviço efetuado em prol do indivíduo. O pecador arrependido trazia sua própria oferta à porta do tabernáculo e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava seus pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o sacrifício inocente. Pela sua própria mão era então morto o animal, e o sangue era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu. Por esta cerimônia, mediante o sangue, o pecado era figuradamen-

5. Para maior compreensão do assunto, ver: E. G. White, Cristo em Seu Santuário, p. 25-39. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>

te transferido para o santuário. Essa obra acontecia dia após dia durante o ano todo, e, dessa forma, os pecados de Israel estavam sendo transferidos para o santuário e contaminavam os lugares santos.

2. O serviço anual: tendo em vista a transferência dos pecados confessados pelo povo para dentro do santuário através do serviço diário, os compartimentos sagrados, uma vez contaminados, necessitavam ser purificados. A obra especial de purificação do santuário acontecia uma vez por ano no dia da expiação. Esse dia era também conhecido como o dia do juízo e acontecia no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico.

III - JESUS E OS SERVIÇOS DO SANTUÁRIO

O santuário terrestre era uma cópia, ou modelo, do santuário celestial. Os serviços desse tabernáculo eram uma sombra da obra que seria ministrada por Cristo, nosso Sumo Sacerdote, no santuário celestial (Hb 12:24; 9:8-12). O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens (Hb 8:1, 2, 5).

1. Jesus e o serviço diário:

- a) **Jesus e o sacrifício coletivo:** João 1:29 diz que Jesus é o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. João 3:16 menciona que “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito [...]”. O sacrifício de Cristo na cruz do Calvário foi por todo o mundo, representando assim o aspecto do sacrifício coletivo dentro do serviço diário.
- b) **Jesus e o sacrifício individual:** o aspecto mais importante do serviço diário estava na aceitação individual da graça por parte do pecador arrependido. Assim como “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito [...]” para que morresse para salvar o mundo, nem todo o mundo será salvo, senão aquele “que nele crê” não perecerá, mas terá a vida eterna (Jo 3:16). Nos tempos do AT, levar o cordeiro para sacrificá-lo diante do altar era um ato de adoração e um testemunho público de que ele era um pecador arrependido, de que aceitava a graça e de que cria no verdadeiro Cordeiro que um dia viria morrer em seu lugar. Hoje, um pecador arrependido, que aceitou a gra-

ça através de Cristo e Seu sacrifício na cruz do Calvário, não mais sacrifica cordeiros para dar esse testemunho público de fé. No entanto, ele o faz através da sua entrega pelo batismo (Mc 16:16; Rm 6:3-5).

- c) **Jesus e a oferta de incenso:** o incenso que subia diante do véu em direção ao lugar santíssimo simboliza os méritos de intercessão de Cristo pelo Seu povo, sendo Ele o único mediador entre Deus e o homem (1Tm 2:5; 1Jo 2:1; At 4:12).

2. Jesus e o serviço anual

“Como antigamente eram os pecados do povo colocados, pela fé, sobre a oferta pelo pecado, e, mediante o sangue desta, transferidos simbolicamente para o santuário terrestre, assim em o novo concerto, os pecados dos que se arrependem são, pela fé, colocados sobre Cristo e transferidos, de fato, para o santuário celeste. E como a purificação típica do santuário terrestre se efetuava mediante a remoção dos pecados pelos quais se poluía, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efetuar-se pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão registrados. Mas antes que isto se possa cumprir, deve haver um exame dos livros de registro para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. A purificação do santuário, portanto, envolve uma investigação — um julgamento. Isto deve efetuar-se antes da vinda de Cristo para resgatar Seu povo, pois que, quando vier, Sua recompensa estará com Ele para dar a cada um segundo as suas obras. Apocalipse 22:12” (*O Grande Conflito*, p. 421).

IV – O VERDADEIRO ALTAR É DESTRUÍDO

Como vimos anteriormente, o altar e seus significados apontavam para o sacrifício de Cristo, bem como seu sacerdócio mediador no santuário celestial. A partir de agora, veremos como Satanás usou a igreja romana para destruir os significados do altar e substituir o sacerdócio de Cristo por uma obra espúria.

1. O domínio da igreja romana: A profecia de Daniel 7:25 apontava para o domínio da igreja romana por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Esse tempo profético se estendeu de 538 d.C. até 1798 d.C., e foi o período escuro da humanidade, a Idade Média. Durante

esse tempo, conforme vimos em nosso estudo de ontem, o Elias profético, representado pela mulher pura de Apocalipse 12, fugiu para o deserto, onde foi sustentado pelo Senhor durante esses três anos e meio proféticos (Ap 12:6).

2. A obra da igreja romana: A igreja apostatada é representada em Daniel 7 e 8 como sendo o chifre pequeno, e em Apocalipse 13 e 17 como a besta e a grande meretriz de nome Babilônia. Ela cumpre o papel de Jezabel (Ap. 2:20) e sua obra pode ser resumida nos seguintes aspectos:

- a) **Mudaria os tempos e a lei (Dn 7:25):** A igreja Católica retirou do decálogo o segundo mandamento concernente a imagens e mudou o quarto mandamento do sábado para o domingo (dia do sol). No lugar santíssimo do santuário terrestre havia a arca da aliança, e nela estavam contidas as tábuas dos dez mandamentos da Lei de Deus (Hb 9:4; Êx 20:3-17). Em visão, João viu a arca da aliança dentro do santuário celestial (Ap 11:19).
- b) **Lançaria por terra a verdade (Dn 8:12):** De acordo com Daniel 8:9-12, a igreja romana lançaria por terra a verdade sobre o santuário, o altar e seus significados. Podemos notar essa obra do chifre pequeno da seguinte forma: (1) “engrandeceu-se até o príncipe do exército” (v. 11), que é Jesus, colocando-se no próprio lugar de Cristo (2Ts 2:3, 4); (2) “[...] dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo” (v. 11). Tirar o sacrifício diário é o mesmo que anular ou tornar sem efeito todo o seu significado.

3. Como o “altar” foi destruído: Vimos claramente que a obra do chifre pequeno seria de colocar-se no lugar de Cristo, nosso único salvador, advogado e mediador, e destruir a verdade do sacrifício diário no santuário. Como isso aconteceu? Durante os três anos e meio proféticos a igreja romana conseguiu destruir a verdade do altar e seus significados da seguinte forma:

- a) **Adoração:** Cristo disse: “[...] Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Lc 4:8). No entanto, o líder romano diz ser o substituto do Filho de Deus na terra (2Ts 2:3, 4).
- b) **Salvação:** Temos salvação somente em Cristo, através da Sua morte e ministração intercessora no santuário celestial (serviços diário e anual). A Igreja Católica, destruindo essa verdade, colo-

ca: (1) as indulgências e as penitências⁶: a igreja pode conceder a remissão dos pecados tanto dos vivos quanto dos mortos, e os sacerdotes da igreja são os únicos que podem perdoar os pecados; (2) mediação: os santos⁷ mortos e os sacerdotes⁸ da igreja são os mediadores, e Maria,⁹ além de mediadora, é advogada.

V – ELIAS, O RESTAURADOR DE ALTARES

Assim como o profeta Elias retornou após os três anos e meio de seca, o Elias profético também retornaria em algum momento após 1798 quando se cumprissem os três anos e meio proféticos (Dn 7:25). Sua obra seria a de restaurar todas as coisas (Mt 17:11), o que envolveria a restauração da verdade do altar e seus significados dentro dos serviços do santuário celestial.

O estudo Daniel 8:9-12 nos mostrou que a verdade sobre o santuário e o serviço diário foi deitada abaixo, ou destruída, durante o período de 538 d.C. a 1798 d.C. Se foi destruída, necessitaria ser restaurada, e foi exatamente isso que aconteceu. Em Daniel 8:13 e 14, encontramos o seguinte: “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. A palavra “purificado” vem do hebraico *nisdaq* e pode ser traduzida como: purificar, restaurar e vindicar. Ou seja, após as 2300 tardes e manhãs, o santuário seria “*nisdaq*”: purificado, restaurado e vindicado.

Como adventistas do sétimo dia, cremos que a profecia de Daniel 8:14 teve seu cumprimento em 22 de outubro de 1844. Neste dia, iniciou-se uma obra no Céu e outra na Terra. No Céu, Jesus passou do lugar santo para o santíssimo, iniciando a obra da **purificação** do santuário, que é o juízo investigativo pré-advento. Na Terra, o Elias profético iniciou sua obra de **restauração** de toda verdade sobre o altar e seus significados dentro dos serviços do santuário celestial. Essa data marca o início do movimento que posteriormente seria chamado de Igreja Adventista do Sétimo Dia.

6. Ver Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edições Loyola, 2001 - crenças números 1471-79; 1032 e 1498.

7. Idem, 956.

8. Idem, 1548-53; 1566.

9. Idem, 969.

CONCLUSÃO

Como movimento profético, a Igreja Adventista cumpre o papel do Elias profético. Somos o remanescente da profecia bíblica (Ap 12:17; 14:12), que restaurou a verdade da **adoração** ao Deus criador (sábado), e cremos que temos **salvação**, perdão e mediação somente em Cristo (evangelho eterno). Deus conclama esse povo para apresentar essa mensagem restaurando essa verdade em todo o mundo para **testemunho** em todas as nações.

Após o profeta Elias restaurar o altar do Senhor que estava em ruínas, ele orou a Deus e “então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego.” (1Rs 18:38). Amanhã veremos qual é o significado do fogo que desceu do céu para o Elias profético.

APELO

Confie em Cristo como seu único Salvador e Mediador, deixando então que Ele seja o verdadeiro Rei e Senhor da sua vida. Não há o que temer, “porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:15, 16).

Tema 5

Elias e o fogo que desceu do céu

INTRODUÇÃO

Em nosso quadro profético de Elias,¹ vimos que: (1) assim como o profeta Elias profetizou sobre um período de seca que viria por causa da apostasia evidenciada pela idolatria e adoração ao sol, o Elias profético, identificado como a mulher pura de Apocalipse 12, pelos mesmos motivos, também passou por um período de seca, sendo sustentado por Deus durante os 1260 dias/anos (538 d.C. a 1798 d.C.); (2) assim como o profeta Elias, após o tempo de seca, retornou e restaurou o altar do Senhor que estava em ruínas, o Elias profético, após a perseguição da Jezabel escatológica, também efetuou seu retorno em 1844, restaurando o altar e seus significados dentro do ritual do santuário. O cumprimento dessa parte da profecia marcou o início do movimento que posteriormente veio a se chamar Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Como igreja remanescente da profecia bíblica, os adventistas do sétimo dia cumprem o papel de Elias (1) anunciando que o dia do juízo iniciou no Céu em 22 de outubro de 1844 (Ap 14:7), (2) restaurando a verdade do sacrifício expiatório de Cristo (evangelho eterno de Apocalipse 14:6), (3) restabelecendo a importância dos dez mandamentos (Ap 14:7, 12; 12:17; Mt 4:4), (4) apontando para o sábado como o dia especial de adoração ao Deus Criador (Ap 14:7) e (5) preparando o caminho para a segunda vinda do Senhor. Assim como o profeta Elias foi perseguido por uma mulher chamada Jezabel e João Batista foi perseguido por Herodias, o Elias profético também é perseguido por uma mulher: a Jezabel escatológica (Ap 2:20), a meretriz por nome a grande Babilônia (Ap 17:5).

No entanto, após o profeta Elias restaurar o altar do Senhor que estava em ruínas, ele orou a Deus e “então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego” (1Rs 18:38). Qual é o significado do fogo que desceu do céu para o Elias profético?

¹. Ver quadro profético no Apêndice 1.

ARGUMENTAÇÃO

I – FOGO NA BÍBLIA

Na Bíblia, a manifestação de fogo aparece associada à obra do Espírito Santo. Veremos dois exemplos bíblicos:

1. Na missão de Jesus

Em Mateus 3:11 e Lucas 3:16, João Batista disse que, quando o Messias viesse, ele batizaria “com o Espírito Santo e com fogo”. A expressão não diz “com o Espírito Santo *ou* com fogo”, ela diz “com o Espírito Santo *e* com fogo”. A segunda expressão “e com fogo”, explica a primeira expressão, o batismo “do Espírito Santo”. Ou seja, o batismo do Espírito Santo é o batismo de fogo.²

2. No Pentecostes

Em Atos 2:1-4, lemos o seguinte sobre o dia do Pentecostes e o batismo do Espírito Santo: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som como de um vento impetuoso, e encheu toda casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”.

No Elias profético, deve haver uma obra especial do Espírito Santo representada pelo fogo que desceu do Céu.

II – PROMESSA DO ENVIO DO ESPÍRITO

A expressão “grande e terrível Dia do SENHOR” aparece textualmente nas mesmas palavras somente em duas passagens bíblicas, em Malaquias 4:5 e Joel 2:31. Em Malaquias, o “grande e terrível Dia do SENHOR” é precedido pelo envio do profeta Elias. Em Joel, esse dia é precedido por uma manifestação especial do derramamento do Espírito Santo (Jl 2:28-31) através da figura das chuvas temporã e serôdia (Jl 2:23).

Pedro testificou que o primeiro cumprimento dessa manifestação especial do Espírito Santo ocorreu justamente por ocasião do Pentecostes (At 2:16-21). Essa foi a primeira chuva, a chuva temporã. A

2. Lição da Escola Sabatina, 4 trim. 2013, 25/set.

chuva temporã era uma amostra do que ocorreria posteriormente no ministério do Elias profético antes do “grande e terrível Dia do SENHOR”. Esta seria a última chuva, a chuva serôdia³.

No oriente, a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária para que a semente possa germinar. A chuva serôdia cai pouco antes do tempo da colheita amadurecendo o grão e preparando-o para a foice. Em Apocalipse 14:14-16, aparece o Filho do Homem sentado sobre a nuvem com uma foice afiada na mão para ceifar a terra, mas essa ceifa não aconteceria sem que antes caísse a chuva serôdia, antes da vinda de Elias. Esse será o tempo da colheita, o tempo da volta de Jesus e também o grande Dia do Senhor.

A promessa do envio do Espírito Santo aconteceria nas chuvas temporã e serôdia. A chuva temporã está ligada ao Pentecostes, a chuva serôdia ao Elias profético, e ambas estão associadas ao derramamento do Espírito Santo e do fogo.

III – O ESPÍRITO SANTO E O FOGO

Outra evidência bíblica da obra do Elias profético relacionada ao Espírito Santo e ao fogo está em Malaquias 4:4: “Lembra-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos”.

A lei que Deus prescreveu a Moisés em Horebe⁴ aparece em Deuteronômio 4 a 6, e Êxodo 19 e 20. Existe um significado muito importante para com a *forma* e o *momento* em que Deus anunciou e prescreveu Sua lei. Para nossa melhor compreensão, precisamos entender o contexto em que a lei foi dada. O povo de Israel foi liberto da escravidão do Egito por ocasião da instituição da festa da Páscoa e da morte dos primogênitos do Egito (Êx 12). Após passarem pelo Mar Vermelho, eles embrenharam em uma jornada no deserto até chegarem a Horebe (Êx 19, 20; Dt 4-6). Em Horebe, Deus anuncia ao povo a Sua aliança que consta nos dez mandamentos (Dt 4:10-13), lei esta que foi posteriormente escrita em tábuas de pedra pelo próprio dedo de Deus (Dt 4:13; Êx 31:16-18). Vejamos então quais são os significados da *forma* e do *momento* em que Deus revelou a aliança dos dez mandamentos:

3. Para maiores informações acerca das chuvas temporã e serôdia ver: E. G. White, Eventos finais, p. 183-196. Disponível em: <<https://egwwritings.org>>.

4. Horebe: nome alternativo para o monte Sinai. Significa “região desolada”. Ocorre 17 vezes, das quais nove em Deuteronômio. Horebe pode também significar uma área maior, a região do Sinai.

1. A forma:

- a) **Manifestação de fogo:** em Deuteronômio 4 a 6, vemos uma forte manifestação de fogo associada à aliança dos dez mandamentos: “[...] chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo...” (Deut. 4:11); “Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo [...]” (Dt 4:12); “[...] Deus, vos falou em Horebe, do meio do fogo;” (Dt 4:15); “Dos céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar, e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e do meio do fogo ouviste as suas palavras” (Dt 4:36); “Face a face falou o SENHOR conosco, no monte, do meio do fogo” (Dt 5:4); “Estas palavras falou o SENHOR a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo [...] Tendo-as escrito em duas tábuas de pedra, deu-as a mim” (Dt 5:22); “[...] enquanto o monte ardia em fogo [...]” (Dt 5:23); “[...] ouvimos a sua voz do meio do fogo [...]” (Dt 5:24); “Porque quem há, de toda carne, que tenha ouvido a voz do Deus vivo falar do meio do fogo [...]” (Dt 5:26). Uma das formas que Deus usou para pronunciar a Sua lei, como acabamos de ver, foi através de “fogo”.
- b) **O dedo de Deus:** após Deus anunciar a Sua lei através de “fogo”, os dez preceitos foram escritos em tábuas de pedra pelo próprio dedo de Deus (Dt 4:13; Êx 31:16-18). Nos evangelhos de Mateus 12:22-32 e Lucas 11:14-23, temos o mesmo relato bíblico da cura de um endemoninhado cego e mudo. No entanto, os dois evangelistas usam palavras diferentes para descrever o mesmo poder pelo qual o demônio foi expulso. Em um relato, o demônio foi expulso pelo *Espírito de Deus* (Mt 12:28), e no outro pelo *dedo de Deus* (Lc 11:20). Ou seja, o *dedo de Deus* é o próprio *Espírito de Deus*.

Quando Deus pronunciou a Sua lei no Sinai, Ele fez por meio de “fogo”, e quando a escreveu em tábuas de pedra, Ele usou o Seu próprio “dedo”. Ambos, o “fogo” e o “dedo de Deus”, são símbolos do Espírito Santo.

2. O momento: como vimos anteriormente, o povo foi liberto do Egito por ocasião da festa da Páscoa. Eles deveriam celebrar a Páscoa todos os anos em lembrança da grande libertação que Deus havia operado. Porém, em Cristo, a festa da Páscoa atingiu seu objetivo. Cristo celebrou a Páscoa com os discípulos em uma quinta-feira à noite instituindo a Santa Ceia em seu lugar. Ele era o Cordeiro pascal. A carne do

cordeiro era o Seu corpo, e o sangue do cordeiro, o Seu próprio sangue, que seria derramado por nós. A libertação da escravidão do Egito é a libertação da escravidão do pecado pelo sangue de Cristo. Entretanto, após a ressurreição de Jesus, simbolizada pela Festa das Primícias, deveriam ser contadas sete semanas até a festa do Pentecostes. Segundo a tradição judaica, o dia em que Deus anunciou a aliança da Sua lei no Sinai era o dia da festa do Pentecostes.

IV – O PENTECOSTES E A LEI NO SINAI

1. O sonho de Deus

O plano de Deus sempre foi que a Sua lei, que é a Sua aliança (Dt 4:13), estivesse gravada não somente em tábuas de pedra, mas no **coração**. Deus disse: “Quem dera que eles tivessem tal **coração**, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos.” (Dt 5:29, grifo nosso). Quando a Bíblia finda a seção da lei em Deuteronômio 4 a 6, temos o anúncio do texto bíblico mais importante para os judeus, conhecido como a Shemá: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu **coração**, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu **coração**.” (Dt 6:4-6, grifo nosso). As palavras que deveriam estar no coração são as palavras da lei.

A aliança de Deus, que consta nos dez mandamentos, é uma aliança baseada em um relacionamento de amor. A própria lei de Deus pode ser resumida na palavra AMOR: amor a Deus e amor ao próximo. Isso significa nosso relacionamento com Deus e com o próximo. 1 João 4:8 diz que “Deus é amor”, ou seja, aqueles que guardam a lei tem Deus no coração. Rejeitar a lei é rejeitar a Deus. Guardar a lei é uma resposta de amor ao Deus que tudo fez por nós (Êx 20:2; Jo 3:16; 14:15). Ellen White confirma esse pensamento da seguinte forma: “Quando o pecador vê o Salvador morrendo sobre a cruz, sob a maldição do pecado, em seu lugar, contemplando Seu amor perdoador, desperta-se-lhe no coração o amor. O pecador ama a Cristo, porque Cristo o amou primeiro, e o amor é o cumprimento da lei” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 374).

2. A chuva temporã e a lei

No dia do Pentecostes, Deus renova Sua aliança com Seus filhos (Hb 8:8-10; 10:10-18). Aquilo que Deus realizou no Sinai, Ele operou

novamente no Pentecostes. Deus realizou uma manifestação de “fogo” e, com o “Seu próprio dedo”, escreveu a Sua lei no coração dos discípulos. Esse é o selo do Espírito Santo! (Ver Efésios 1:13; 4:30.) Antes da cruz, os discípulos estavam divididos, disputavam posições, etc. Após a cruz, eles receberam o selo da lei do amor de Deus em seus corações. Passaram a ter tudo em comum. Um era o coração e o propósito, e o evangelho eterno foi pregado em todo o mundo daquela época. (Ver Colossenses 1:23.)

3. A chuva serôdia e a lei

Assim como a chuva temporã teve seu cumprimento no dia do Pentecostes, vimos que essa era uma amostra do que Deus operaria no Elias profético por ocasião da chuva serôdia. O sonho de Deus alcançará seu objetivo maior quando Ele derramar, através do Seu Espírito, a chuva serôdia sobre a Sua igreja nos últimos dias. “Nosso Pai celestial está mais disposto a dar Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos” (*Reavivamento Verdadeiro*, p. 9). Nesse tempo, o “evangelho eterno” será pregado a todos os que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, e então virá o fim, o grande e terrível dia do Senhor. (Ver Apocalipse 14:6, Mateus 24:14 e Malaquias 4:5).

V – O ELIAS PROFÉTICO E O ESPÍRITO DE PROFECIA

A manifestação de fogo também pode ser vista em um dom especial do Espírito que seria concedido ao Elias profético. Segundo Apocalipse 12:17, o Elias profético seria caracterizado como os “que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus [...]” Em Apocalipse 19:10, o “testemunho de Jesus é o espírito da profecia”. Ou seja, o dom de profecia seria uma marca distintiva da igreja remanescente.

Quando Deus, na Bíblia, apresenta uma profecia concernente a tempo, Ele sempre levanta um profeta por ocasião do cumprimento da profecia. Podemos citar como exemplo as seguintes profecias de tempo: (1) Noé: Deus avisou a Noé que em 120 anos daria cabo de toda carne (Gn 6:3, 13). Nessa profecia de tempo, o próprio Noé foi o profeta que Deus levantou para advertir o povo quanto à destruição vindoura; (2) Abraão: Deus fez uma aliança com Abraão e disse que seus descendentes herdariam a terra prometida depois de 400 anos

(Gn 15:13, 16). Quando os 400 anos da profecia se cumpriram, o povo de Israel estava no cativeiro egípcio e Deus levantou um profeta, que foi Moisés, o libertador; (3) Jeremias: Deus também deu uma profecia de tempo a Jeremias. Seriam 70 anos de cativeiro no exílio babilônico. Quando a profecia se cumpriu, Deus levantou Daniel como seu profeta; (4) Daniel: Deus deu a Daniel a maior profecia de tempo da Bíblia. Seriam 2300 anos até a purificação do santuário (Dn 8:14). Porém, essa profecia estava dividida em duas partes. A primeira delas cumpria 70 semanas. Até as 70 semanas viria o Messias. Quando essa parte da profecia se cumpriu, Deus também levantou um profeta, e o nome dele era João Batista. Ele foi o mensageiro profético que preparou o caminho para a primeira vinda de Jesus. Mas faltavam ainda 1810 anos até o término da profecia das 2300 tardes e manhãs. A pergunta é: Se Deus levantou um profeta toda vez que se cumpriu uma profecia de tempo – como foi nos 120 anos de Noé, nos 400 anos de Abraão levantando a Moisés, nos 70 anos de Jeremias levantando a Daniel, e nos 490 anos de Daniel levantando a João Batista – quando chegasse o fim dos 2300 anos, em 22 de outubro de 1844, Deus também levantaria um profeta? Certamente que sim! E esse profeta foi Ellen G. White. Deus fez descer “fogo do céu” ao conceder o dom profético a Ellen G. White, tornando-se esta uma marca distintiva do Elias profético.

CONCLUSÃO

A profecia apresenta um fogo verdadeiro e um falso que desceram do céu. O verdadeiro fogo que desceu do céu nos dias de Elias está representado na profecia como sendo uma obra sobrenatural do Espírito Santo no Elias profético. Essa obra é apresentada de duas formas: (1) com a manifestação do dom profético em Ellen G. White; e (2) com a promessa do derramamento da chuva serôdia nos últimos dias. A falsa manifestação de fogo aparece em Apocalipse 13:13, onde vemos que aquilo que Satanás não conseguiu fazer nos dias do profeta Elias, ele opera nos últimos dias, com as falsas manifestações do *espírito*, conforme temos visto em muitas igrejas pentecostais e carismáticas.

Apesar de termos visto mais evidências que confirmam a identidade do Elias profético, temos mais um paralelo profético a ser identificado. Após descer fogo do céu, o profeta Elias orou sete vezes para que Deus enviasse a chuva, e na sétima vez o seu servo lhe trouxe a

seguinte mensagem: “[...] Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem [...]” (1Rs 18:44). Em nosso próximo estudo, além de vermos qual é o significado da *nuvem* na profecia, responderemos também às duas perguntas que foram levantadas no início da semana: (1) por que Elias, e (2) por que um profeta?

APELO

O Elias profético está identificado. O tempo de seca ficou no passado. A obra de restauração das verdades do santuário e do altar está sendo apresentada em todo mundo, e o fogo que desceu do céu foi confirmado com o dom profético de Ellen G. White. Cabe a nós nesse momento da história, mais do que nunca, orar pela manifestação poderosa do Espírito Santo através do derramamento da chuva serôdia. Assim como os discípulos perseveraram por dez dias e o profeta Elias orou sete vezes sem saber quando a chuva viria, nós também precisamos perseverar em oração até que a promessa se cumpra sobre nós!

Tema 6

Elias e o chamado profético

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos até aqui, vimos que o mensageiro (anjo) de Apocalipse 14 é o mesmo mensageiro de Malaquias 3:1 e que ambos estão identificados na profecia com a figura do profeta Elias. Por que Elias? E por que um profeta?

ARGUMENTAÇÃO

I – POR QUE ELIAS?

Deus escolheu identificar o mensageiro de Apocalipse 14 e Malaquias 3:1 com o profeta Elias pelo fato de que alguns eventos e obras da vida do profeta se cumpriram na história do Elias profético, que é apontado na profecia como sendo a *mulher pura* de Apocalipse 12.

Os eventos e obras da vida do profeta Elias e seu cumprimento no Elias profético aconteceram conforme listamos abaixo.¹

1. O período de seca: o profeta Elias profetizou sobre um período de seca que se deu por causa da apostasia do povo de Israel em decorrência da idolatria e adoração a imagens (1Rs 17:1; 2Rs 23:5). O cumprimento dessa parte da profecia é verificado na história quando o paganismo romano se introduziu na igreja primitiva a partir do IV século da nossa era. Durante esse tempo, a igreja romana mudou o dia de adoração bíblico do sétimo dia da semana (sábado) para o primeiro dia (domingo, o dia do Sol). Com isso, aconteceu a apostasia em decorrência da idolatria e adoração ao Sol e a imagens.

2. Fuga para o “deserto”: após o profeta Elias anunciar o tempo de seca – que duraria três anos e meio (Lc 4:25; Tg 5:17) – ele recebeu uma ordem de Deus para fugir para um local deserto onde seria sustentado pelo Senhor (1Rs 17:2-4). O Elias profético também passou por um período de seca espiritual de três anos e meio proféticos que perduraram entre 538 d.C. e 1798 d.C. Durante esse tempo, a igreja,

1. Ver quadro profético no apêndice 1.

representada pela *mulher pura* de Apocalipse 12, fugiu para o deserto, onde também foi sustentada pelo Senhor (Ap 12:6).

3. O retorno de Elias e a restauração do altar: após os três anos e meio de seca, o profeta Elias retornou para um embate no Monte Carmelo e restaurou o altar do Senhor que estava em ruínas (1Rs 18:30). Quando se cumpriram os três anos e meio proféticos (538 d.C. a 1798 d.C.), o Elias profético retornou e restaurou as verdades sobre o altar e seus significados no santuário. O marco dessa profecia se dá após o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, com o surgimento de um grupo que mais tarde seria chamado de Igreja Adventista do Sétimo Dia.

4. O fogo que desceu do céu: depois que o profeta Elias restaurou o altar do Senhor que estava em ruínas, ele orou, e desceu fogo do céu (1Rs 18:37-39). O fogo que desceu do céu está ligado a uma forte manifestação do Espírito Santo no Elias profético de duas formas: (1) a concessão do dom profético a Ellen G. White (Ap 12:17; 19:10); e (2) o derramamento da chuva serôdia antes da segunda vinda de Cristo.

5. A nuvem: o quinto e último aspecto do paralelo profético se refere ao aparecimento da nuvem (1Rs 18:44). O cumprimento dessa parte da profecia será visto no final do nosso estudo de hoje.

II – POR QUE UM PROFETA?

Para entendermos o porquê de um profeta, veremos duas características específicas relacionadas ao profeta. São elas: (1) o papel do profeta; e (2) a natureza do chamado profético.

1 – O papel do profeta:

Na história do povo de Israel, quando eles se desviavam em apostasia, o Senhor levantava um profeta. O papel do profeta era ser o porta voz de Deus para chamar o Seu povo ao arrependimento. O anjo de Apocalipse 14 é identificado com o profeta Elias pelo fato de ele ser o porta-voz de Deus para chamar ao arrependimento o Seu povo que se encontra em Babilônia. A mensagem é: “Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos” (Ap 18:4). Deus tem um povo em Babilônia. Eles estão sendo enganados pelo falso sistema de adoração e doutrinas imposto pela Jezabel escatológica (Ap 17:2,

5). O papel do Elias profético é chamá-los ao arrependimento antes de os juízos finais recaírem sobre a Babilônia (Ap 16; 17:1).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia apresenta as características do Elias profético: (1) por ser um movimento profético que surgiu do cumprimento de uma profecia (Dn 8:14); (2) por apresentar uma mensagem profética em um tempo profético (Ap 14:6-12); e (3) por cumprir o papel de um profeta (Ap. 18:1-4).

2 – O chamado profético:

Existe ainda outra característica que denominaremos *natureza do chamado profético*. Quando Deus chamava um profeta, Ele dava algumas incumbências que eram características do seu *chamado profético*. Seguem alguns exemplos: (1) Isaías: em determinado tempo do seu ofício profético, Deus ordenou a Isaías que ele deveria andar despi-do e descalço por três anos (Is 20:1-6). Essa era uma ordem somente para Isaías; tinha a ver com o *chamado profético* específico para ele; (2) Ezequiel: a Ezequiel Deus deu a ordem de que deveria se deitar por 390 dias do lado esquerdo, representando a iniquidade de Israel, e 40 dias do lado direito, representando a iniquidade de Judá. Essa era uma característica específica do chamado de Ezequiel; (3) Oséias: para Oséias, por ocasião do seu chamado, Deus ordenou que ele tomasse uma mulher de prostituição para ser sua esposa (Os 1:1-3). Nenhum outro precisava se casar com uma prostituta a não ser Oséias. Essa era uma característica específica da natureza do seu *chamado profético*.

Cabia ao profeta aceitar ou não o *chamado profético*, seguindo ou não as ordens específicas para ele. Aceitar o *chamado profético* e não cumprir as ordens específicas de Deus significaria sofrer o juízo divino. Esse foi o caso do profeta que Deus enviou para profetizar contra o altar de Jeroboão (1Rs 13:1-32).

Vamos acompanhar algo interessante relacionado ao *chamado profético* de Elias. Após Elias profetizar sobre o período de seca, Deus o levou ao ribeiro de Querite onde ele foi sustentado pelo Senhor de forma miraculosa através de corvos que lhe traziam pão e carne de manhã e à tarde (1Rs 17:2-6). No entanto, em algum momento, Deus permitiu que a torrente secasse (1Rs 17:7), e então o enviou a Sarepta, onde ele foi sustentado com pão e água. Em seguida, ao terceiro ano, Elias foi enviado a desafiar Acabe e todos os profetas de Baal para um en-

contro decisivo no Monte Carmelo. Podemos perceber que existe uma mudança gradativa no regime alimentar do mensageiro do Senhor: primeiro ele recebe pão, água e carne; e depois, ele recebe como alimento somente pão e água. Deus poderia continuar sustentando Elias em Querite com pão, água e carne o tempo que quisesse, mas não o fez assim. O motivo é porque Elias teria que enfrentar o maior desafio da sua vida no Monte Carmelo com o rei de Israel, o povo ao redor e todos os falsos profetas ali reunidos. A questão em jogo era a adoração: “[...] Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o...” (1Rs 18:21). Para esse encontro com as forças do mal, Deus teria que prepará-lo física, mental e espiritualmente. Por isso, vemos uma mudança no seu regime alimentar de pão, água e carne, para somente pão e água.

Uma das características do anjo de Apocalipse 14:7 é: “[...] Temei a Deus e dai-lhe glória [...]”. Dar glórias a Deus está intimamente relacionado ao cuidado do nosso corpo, que é santuário do Espírito Santo. Em 1 Coríntios 6:19 e 20, encontramos: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”. O texto diz que glorificamos a Deus com o nosso corpo, que é santuário do Espírito Santo.

Deus deixou uma mensagem de saúde e regime alimentar específica para o Elias profético. Como vimos, essa mensagem aparece em paralelo com o profeta Elias, bem como com João Batista, que é o segundo Elias. Acerca do *chamado profético* de João Batista, temos: “Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já no ventre materno” (Lc 1:15); “Usava João vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre” (Mt 3:4)². Fica claro que o *chamado profético* do profeta Elias, de João Batista e do Elias profético está relacionado a um estilo de vida e de saúde diferenciados. Esse é um *chamado profético* específico para o primeiro, o segundo e o terceiro Elias.

III – O ELIAS PROFÉTICO E A BATALHA DO ARMAGEDOM

Assim como o profeta Elias estava sendo preparado por Deus para a grande batalha no Monte Carmelo, o Elias profético também precisa ser preparado para enfrentar a terrível batalha do Armagedom (Ap

2. Ver semelhança com Elias em 2 Reis 1:8.

16:12-16). Na profecia bíblica, a batalha do Armagedom aparece em paralelo com o embate no Monte Carmelo.³ Trata-se de uma batalha pelo domínio da mente. A grande questão que está em jogo é: “[...] Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o [...]” (1Rs 18:21). Essa é uma guerra que exige de nós uma decisão de quem escolheremos adorar. De um lado, está a grande meretriz de nome Babilônia. Ela é a Jezabel escatológica, a besta do Apocalipse (Ap 17:1-5; 2:20; 13:1-8). Seu propósito é apregoar seu falso sistema de adoração promovendo admiravelmente a idolatria e o falso sábado. Do outro lado, está a *mulher pura* de Apocalipse 12. Ela é o Elias profético que esteve no deserto por três anos e meio, mas que retornou no final dos tempos para restaurar toda a verdade sobre adoração, salvação e testemunho. Suas características estão esboçadas no paralelo profético que temos estudado esta semana.

Nesta grande batalha, quem poderá ficar de pé? (Ap 6:17; Mt 3:2). Somente aqueles que têm seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro, pois eles não se macularam com as falsas doutrinas da Babilônia (Ap 13:8; 14:4). Atendendo ao seu *chamado profético*, o Elias profético dos últimos dias adota um estilo de vida e um regime alimentar diferentes. Esse é o preparo que Deus lhe designou. Para isso, Deus deixou ao Elias profético uma mensagem especial de saúde nos testemunhos do Espírito de Profecia. Ao acompanharmos os escritos de Ellen White sobre saúde, podemos notar, à semelhança do profeta Elias, uma revelação também gradativa quanto ao regime alimentar.

É bem verdade que a reforma nos hábitos de saúde envolve muito mais do que simplesmente o abandono de alimentos cárneos. Somos instruídos a fazer uso equilibrado dos oito remédios da natureza.⁴ No entanto, Ellen White diz que chegaria o tempo em que a carne deixaria de fazer parte da mesa daqueles que estivessem aguardando o retorno de Cristo: “Entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, deve a alimentação cárnea ser finalmente abandonada; a carne deixará de fazer parte de seu regime alimentar. Devemos ter isto sempre em mente, e procurar agir firmemente nesse sentido” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 450). Podemos perceber nos escritos do Espírito de Profecia que,

3. Armagedom (“a Montanha de Megido”) está ligado com Megido, a região do Monte Carmelo. Além do grande embate de Elias com falsos profetas, a região de Megido foi palco de grandes batalhas do povo de Deus no passado (Jz. 5:19-21; 2Rs 9:27; 23:29). João usa esse termo como uma referência ao grande conflito entre o bem e o mal, onde o mal será finalmente derrotado e erradicado.

4. Ver Ellen G. White: *A Ciência do Bom Viver*, p. 127.

à semelhança do que ocorreu com o profeta Elias, o uso de alimentos cárneos seria abandonado no final dos tempos. Deus espera um progresso nesse ponto, pois sabe que, além de outras coisas, comer carne “estimula à intensa atividade as propensões sensuais e debilita a natureza moral e espiritual”.⁵ A reforma de saúde e a mensagem do Elias profético estão intimamente ligadas: “Foi-me mostrado novamente que a reforma de saúde é um ramo da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela se acha tão ligada à terceira mensagem angélica, como as mãos o estão com o corpo” (*Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 320).

Para suportar os tempos vindouros e a grande batalha do Armagedom, o Elias profético seguiria a orientação específica do seu *chamado profético* adotando um regime alimentar que purificaria seu corpo, prepararia sua mente e fortaleceria seu espírito para receber a plenitude do Espírito Santo. Embora muitos, mesmo dentre os adventistas do sétimo dia, tenham seguido um regime dietético saudável para ter melhor qualidade de vida, essa mensagem de saúde para o Elias profético não é meramente uma questão de se viver mais e melhor. Trata-se *da natureza do seu chamado profético*, tem a ver com o preparo do povo de Deus para a volta de Jesus!

IV - A NUVEM

O profeta Elias foi perseguido e jurado de morte por Jezabel (1Rs 19:2). Ele passou por um período de depressão espiritual e temeu pela própria vida (1Rs 19:3, 4). Mas Deus enviou o Seu anjo para que o fortalecesse e o sustentasse trazendo-lhe pão do céu (1Rs 19:5-7). O mesmo acontecerá com o Elias profético. Nos últimos dias, a igreja remanescente também receberá um decreto de morte por parte da Jezabel escatológica (Ap 13:15). O povo de Deus, temendo pela sua própria vida, será forçado a fugir para os lugares mais remotos da Terra onde o pão e a água serão certos, pois os anjos do céu trarão aos filhos do Senhor.⁶ A depressão espiritual do profeta Elias será para o Elias profético o tempo de angustia de Jacó.⁷

Mas durante este tempo aparecerá no céu “[...] uma nuvem pequena como a palma da mão do homem...” (1Rs 18:44). “Surge logo no Oriente

5. Idem: *Medicina e Salvação*, p. 278 e *Conselhos Sobre Saúde*, p. 70.

6. Para maiores informações, ler o capítulo 39 do livro *O Grande Conflito: Aproxima-se o tempo de angústia*.

7. Idem.

uma pequena nuvem negra, aproximadamente da metade do tamanho da mão de um homem. É a nuvem que rodeia o Salvador, e que, à distância, parece estar envolta em trevas. O povo de Deus sabe ser esse o sinal do Filho do homem. Em solene silêncio fitam-na enquanto se aproxima da Terra, mais e mais brilhante e gloriosa, até se tornar grande nuvem branca, mostrando na base uma glória semelhante ao fogo consumidor e encimada pelo arco-íris do concerto. Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor.” (*O Grande Conflito*, p. 640).⁸ Assim como o profeta Elias foi trasladado vivo sem ver a morte, muitos dentre o Elias profético também serão levados ao céu sem passar pela morte (1Ts 4:17).

CONCLUSÃO

Deus escolheu identificar o anjo de Apocalipse 14 e o mensageiro de Malaquias 3:1 com o profeta Elias, em primeiro lugar, porque alguns eventos da vida e obra do profeta Elias se cumprem na história do Elias profético. Em segundo lugar, porque ele cumpre o papel de um profeta, pois foi enviado como porta voz de Deus para chamar ao arrependimento o Seu povo que se encontra em Babilônia (Ap 18:4). E, em terceiro lugar, por causa da *natureza do seu chamado profético*. Vimos que este *chamado profético* relacionado a um estilo de vida, e de saúde diferenciado é **específico** para o primeiro, o segundo e o terceiro Elias. Por este motivo, a revelação de que os alimentos cárneos seriam completamente abandonados, não se aplica a qualquer outro momento da história, senão para o tempo do fim. Tempo este em que Deus estaria preparando o Seu povo para o breve encontro com Ele nas nuvens do céu!

Em nossos estudos até aqui, vimos que a mensagem central do livro de Malaquias é sobre juízo e o envio do mensageiro Elias antes do grande e terrível dia do Senhor. Primeiramente Malaquias apresenta o juízo investigativo (Ml 3:1-5; 13-18) que teve início em 22 de outubro de 1844, e posteriormente o juízo executivo por ocasião da volta de Jesus (Ml 4:1-3). Se a mensagem de Malaquias é sobre juízo investigativo, juízo executivo, o envio de Elias e todas as suas implicações proféticas estudadas até aqui, qual é o significado de *dízimos e ofertas* dentro desse contexto? Aparentemente o tema da fidelidade parece não

8. Ver também: Ap 14:14-16; 1:7; Mt 24:30; 26:64; 1Ts 4:13-17.

condizer com todo o restante da mensagem do livro. Procuraremos a resposta a essa pergunta nos próximos dois temas da nossa série.

APELO

Deus tem feito um *chamado profético* específico para o Seu povo no tempo do fim. Estamos diante dos dias mais difíceis que sobrevirão sobre a história desse mundo. Aceite esse chamado buscando glorificar a Deus com o seu corpo. Vamos juntos conhecer mais essa mensagem nos escritos de Ellen G. White, para podermos estar com o nosso corpo, mente e espírito preparados para receber a chuva serôdia, o refrigerio da presença do Espírito, antes do grande e terrível dia do Senhor!

Tema 7

Elias e o Deus criador

INTRODUÇÃO

Durante toda esta semana estamos estudando o livro de Malaquias e a extraordinária profecia de Elias. Aprendemos que a mensagem central do último livro do AT é sobre juízo. Em Malaquias 1:1, temos uma sentença de Deus pronunciada contra o Seu povo. Esse juízo foi pronunciado porque os sacerdotes e povo apostataram dos caminhos do Senhor (Ml 1:6 a 2:16). Tanto líderes quanto nação estavam cegos diante dos seus feitos e transferiram a sua culpa para Deus. Pensavam que o Senhor tomava por bons os maus e questionavam onde estava o Deus do juízo (Ml 2:17; 3:3-15). À essa pergunta do povo, Deus de pronto revelou que enviaria o Seu mensageiro (Ml 3:1; 4:5) e que este prepararia o caminho para o estabelecimento do Seu juízo vindouro (Ml 3:1-5; Ap 14:6, 7). Aconteceria primeiramente o juízo investigativo (Ml 3:3; 16, 17) e depois o juízo executivo (Ml 3:5, 18; 4:1-3). Nesse pequeno resumo que acabamos de fazer, fica muitíssimo evidente que a mensagem de Malaquias é sobre juízo, juízo e mais juízo! Além do mais, o tempo do juízo anunciado na profecia é o juízo investigativo, que teve início em 22 de outubro de 1844 (Dn 7:13; 8:14; Ap 14:6, 7). Em outras palavras, a mensagem de Malaquias nunca foi tão importante na história quanto é hoje para aqueles que vivem no tempo do juízo investigativo que antecede a volta de Jesus. O povo de Deus dos últimos dias é o Elias profético, a *mulher pura* de Apocalipse 12, que em todos os paralelos proféticos que estudamos nesta semana revela ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia.¹ Nós somos o Elias profético. Somos chamados por Deus para pregar o evangelho eterno em todo o mundo anunciando a hora do juízo e conclamando a todos para adorar ao verdadeiro Deus Criador no dia memorial da criação, o sábado (Ap 14:6, 7).

A grande questão é: em todo esse contexto de juízo e do envio do mensageiro Elias antes do grande e terrível dia do Senhor, qual é o significado de dízimos e ofertas que aparece em Malaquias 3:6-12? O que

1. Ver quadro profético do apêndice 1.

essa mensagem de fidelidade tem a ver com o Elias profético, o povo do juízo? Para respondermos a essa pergunta, levantaremos outra questão: Quem é o justo segundo o livro de Malaquias?

ARGUMENTAÇÃO

I – FIDELIDADE NO CONTEXTO DO JUÍZO INVESTIGATIVO

Deus tem enviado o Elias profético como Seu porta-voz para chamar ao arrependimento o Seu povo que está na Babilônia (Ap 18:4). A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem cumprido esse papel profético anunciando em todo mundo a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14. Estamos vivendo no tempo do juízo investigativo (MI 3:16, 17), e logo chegará o dia em que Deus decretará o Seu juízo executivo. Este será o “grande e terrível dia do Senhor” onde Ele por fim fará a “diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não o serve” (MI 3:18). Para aqueles que não servem a Deus, o “dia que vem arde como fornalha [...] os que cometem perversidade serão como restolho; o dia que vem os abasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo”, eles se tornarão em cinzas “naquele dia que preparei, diz o SENHOR dos Exércitos” (MI 4:1 e 3). No entanto, para o justo que teme o nome do Senhor, “nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas”. Eles sairão e saltarão “como bezerras soltos da estrebaria” (MI 4:2). No grande dia do Senhor, o justo receberá a vida eterna, enquanto o ímpio receberá a morte eterna sendo lançado no lago de fogo e enxofre (Mt 25:41, 46; Ap 21:10, 14, 15).

No contexto do juízo investigativo (1844) e do juízo executivo (volta de Jesus) no livro de Malaquias, o *justo* é qualificado como aquele que é fiel nos dízimos e nas ofertas. Em outras palavras, Malaquias apresenta a fidelidade a Deus nos dízimos e nas ofertas como sendo a característica do justo. Representando o Elias profético do tempo do fim, os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia devem ser fieis a Deus nos dízimos e nas ofertas.

Por que Deus escolheu os dízimos e ofertas como uma característica distintiva do Elias profético nos últimos dias? É o que nós veremos na sequência dos nossos estudos.

II – O FUNDAMENTO DO GRANDE CONFLITO ENTRE O

BEM E O MAL

O grande conflito entre o bem e o mal tem o seu fundamento na escolha de quem adoraremos. A pergunta levantada pelo profeta Elias no Carmelo, “Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o [...]” (1Rs 18:21), não era nova. Essa pergunta foi colocada diante do universo desde o momento da queda de Lúcifer. Ele quis erguer seu próprio trono, instituir seu reinado e receber adoração dos seres criados (Is 14:12-15). No entanto, precisamos notar que: adoramos a quem amamos e amamos em quem confiamos. Ou seja, a confiança é a base para o amor. Ninguém consegue amar alguém em quem não pode confiar.

No Jardim do Éden, Adão e Eva tinham tudo para confiar, amar e adorar a Deus. Deus é amor (1Jo 4:8), e o princípio fundamental do amor é dar, compartilhar. Por isso, Deus criou tudo para o primeiro casal ser feliz. Deus não só criou um ambiente perfeito, como providenciou tudo de que eles precisavam para a manutenção da vida.

1 – Lembranças de um Deus Criador e Mantenedor

Na Criação, Deus instituiu dois símbolos, ou emblemas, que serviriam como uma constante lembrança de que Ele é o Deus **Criador e Mantenedor**.

- a) **O sábado:** segundo o relato da Criação, Deus escolheu criar o nosso mundo em seis dias (Gn 1:1-31), e no sétimo dia Ele terminou, descansou, abençoou e santificou o dia sétimo (Gn 2:1-3). Deus não somente criou todas as coisas, mas providenciou tudo o que era necessário para a manutenção da vida. Assim, o sábado do sétimo dia (Êx 20:8-11) seria uma constante lembrança de que Ele é o nosso Deus **Criador e Mantenedor**.
- b) **A árvore do conhecimento do bem e do mal:** tudo o que Deus havia criado era muito bom (Gn 1:31), inclusive a árvore do conhecimento do bem e do mal. Aquela árvore também serviria como uma constante lembrança de que Deus era o **Criador e Mantenedor** de todas as coisas. Poderíamos chamá-la de árvore do amor, pois, além do sábado, esse era o único ponto onde os nossos primeiros pais poderiam demonstrar verdadeiramente em quem eles confiavam, e a quem amavam e escolheriam adorar. Segundo Ellen White, “O Senhor colocou nossos primeiros

país no Jardim do Éden. Cercou-os de tudo aquilo que lhes poderia trazer felicidade, e lhes ordenou que O reconhecessem como o possuidor de todas as coisas [Criador]. Fez crescer, no jardim, toda a árvore agradável à vista ou boa para comer [Mantenedor]; mas, dentre elas, fez uma reserva. De todas as demais, Adão e Eva poderiam comer livremente; mas, sobre essa única árvore, disse Deus: 'Dela não comerás.' Gên. 2:17. Aí estava a prova de sua gratidão e lealdade a Deus." [acréscimo nosso] (*Conselhos Sobre Mordomia*, p. 65). Sobre aquela árvore estava a prova de *gratidão e lealdade a Deus*, por ser Ele o **Criador e Mantenedor**. Deus esperava uma resposta de obediência por amor (Jo 14:15), não porque nós o amamos, mas porque Ele nos amou primeiro (1Jo 4:19).

2 – O fundamento do grande conflito

Como vimos, Deus havia providenciado tudo o que era necessário para a manutenção da vida. A Bíblia diz: "E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás." (Gn 2:16, 17). É interessante notarmos que a bênção vem antes da obediência. Primeiro, Deus disse: "De toda árvore do jardim comerás livremente [...]". Essa era a bênção. E depois Ele esperava a resposta de obediência: "[...] mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás [...]". A obediência viria como uma resposta de amor, *gratidão e lealdade* por tudo o que Deus havia lhes dado.

Quando Eva se aproximou da árvore, Satanás, imbuído da serpente, lançou dúvidas sobre o caráter de amor de Deus. Deus havia dito: "[...] no dia em que dela comeres, certamente morrerás [...]" (Gn 2:17). E Satanás veio com as palavras: "[...] É certo que não morrereis" (Gn 3:4). Nas palavras de quem Eva escolheria *confiar*? Muito embora Deus nunca tivesse dado qualquer motivo para desconfiança, Eva *não confiou* nas Suas palavras, e escolheu *confiar* nas palavras da serpente. Aqui está o fundamento do grande conflito: a *desconfiança* nas palavras de Deus. A desconfiança levou à desobediência, e a desobediência, ao pecado e à morte.

Satanás mentiu dizendo que, se ela comesse do fruto, seria como Deus (Gn 3:5). Em nossos corações, enfrentamos constantemente esse grande conflito da *confiança*. Em quem confiaremos? Confiaremos

em nós mesmos para resolver os problemas e questões da nossa vida, sendo nós mesmos o nosso próprio deus, ou confiaremos no Senhor, entregando-nos completamente a Ele?

III - O PRINCÍPIO DO DÍZIMO E A ÁRVORE

O sábado está presente até hoje como uma lembrança semanal de que temos um Deus e de que Ele é o nosso Deus *Criador e Mantenedor*. Mas, e a árvore? É bem certo que a árvore não está mais presente entre nós. No entanto, Deus providenciou posteriormente outro símbolo onde estariam encerrados todos os princípios presentes na árvore do conhecimento do bem e do mal. Vejamos o paralelo no quadro abaixo:

Árvore	Dízimo
Deus Criou	Deus instituiu
Pertencia a Deus	Pertence a Deus
Adão e Eva podiam comer de tudo, menos do fruto dessa árvore.	Nós podemos nos manter de tudo o que Deus nos dá, menos do dízimo.
Não comer do fruto significava reconhecer a Deus como Criador e Mantenedor .	Não usar o dízimo significa reconhecer a Deus como Criador e Mantenedor .

Nossa compreensão sobre o dízimo é ampliada quando o olhamos em paralelo com a árvore do conhecimento do bem e do mal. Hoje está muito em evidência a chamada teologia da prosperidade. Para os teólogos da prosperidade, quanto mais nós dermos a Deus, mais seremos abençoados financeiramente. Se o princípio correto fosse quanto mais você trazer para Deus, mais Ele tornará a dar, na Bíblia teríamos que encontrar algo mais ou menos assim: “Não comam da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se vocês não comerem, eu darei do fruto de todas as outras árvores para vocês!”. Porém, não é isso o que a Bíblia ensina. A Palavra de Deus foi: “[...] De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás [...]” (Gn 2:16, 17). Ou seja: “Eu dou tudo para vocês! Só não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim”. Em outras palavras: “Eu vos tenho dado todas as bênçãos necessárias para a manutenção da vida. Só não toquem no dízimo!”. O dízimo é uma resposta de reconhecimento e gratidão pelas bênçãos já recebidas, e não para recebermos bênçãos.

Nós devolvemos o dízimo a Deus, pois ele não nos pertence, pertence a Ele. **Dizimar** é um ato de **reconhecimento e gratidão**. Por ser Deus o nosso **Criador e Mantenedor**, ao assim fazermos, estamos depositando nEle nossa **confiança**.²

Um dizimista fiel, ao se deparar com os desafios e problemas da vida, não sai correndo de um lado para o outro tentando resolver os problemas pelas suas próprias mãos. Ele diz: “Tenho um Deus! Ele é o meu **Criador e Mantenedor**. Minha vida está em Suas mãos, e nEle **confiarei**, crendo que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que O amam”.

Se a **não confiança** em Deus foi a porta que se abriu expulsando os nossos primeiros pais do Jardim do Éden, a única porta de retorno é a da **confiança**. Deus deixou os dízimos como um exercício constante para aprendermos a confiar nEle para todas as questões da nossa vida.

Deus escolheu o dinheiro não porque Ele precisasse do mesmo, até porque Ele é o dono de todo ouro e toda prata, mas porque Ele sabe que “[...] o amor do dinheiro é a raiz de todos os males [...]” (1Tm 6:10). “Nosso Pai celeste não instituiu o plano da doação sistemática com o intuito de enriquecer-se, mas para que o mesmo fosse uma grande bênção ao homem. Viu que o referido sistema era exatamente o que o homem necessitava” (*Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 385).

IV – O ELIAS PROFÉTICO E O DÍZIMO

Apocalipse 14:7 diz: “[...] adorai aquele que fez [...]”, e em Malaquias 2:10, temos: “Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?”. O reconhecimento de que Deus é o nosso Criador e Mantenedor faz parte da mensagem do Elias profético. Reconhecê-Lo como nosso Criador e Mantenedor está na essência da nossa entrega a Ele escolhendo adorá-Lo no sábado e através dos dízimos.

Ellen White diz: “O sucesso do ministério de Elias não era devido a qualquer qualidade inerente que ele possuía, mas a submissão completa da sua vida ao Espírito Santo, o qual era dado a ele assim como será dado à todo que exercer fé viva em Deus.” [grifo nosso] (*Manuscript Releases*, v. 1 – Cap. 66/Nº 81). Submissão completa ao Espírito Santo e fé viva em Deus são marcas distintivas do profeta Elias que também seriam vistas no Elias profético. Segundo Malaquias, o Elias profético exerceria e exercitaria submissão completa e fé viva em Deus através dos dízimos e ofertas.

2. Ver quadro apêndice 2.

CONCLUSÃO

Adorar a Deus no contexto do juízo investigativo significa muito mais do que simplesmente devolver a Deus 10% das bênçãos recebidas. Significa reconhecimento e gratidão a Deus por ser Ele o Criador e Mantenedor das nossas vidas. Ao fazermos isso, à semelhança do profeta Elias, estamos depositando nossa inteira confiança em Deus, submetendo nossa vida completamente ao Espírito Santo e exercendo fé viva nEle.

Em nosso próximo estudo, aprenderemos qual é o significado das ofertas no contexto do juízo e o que representam as janelas do Céu abertas para Deus derramar bênçãos sem medida.

APELO

Estamos vivendo no tempo do juízo. Mais do que nunca, esse é o momento para um profundo exame do coração e uma entrega completa das nossas vidas ao Senhor. Falta muito pouco, e tudo o que temos nos será tirado. Teremos que abandonar tudo e fugir para os montes. Como abandonaremos tudo amanhã se não exercitarmos fé viva em Deus hoje? Temos que aprender a confiar nossas vidas inteiramente ao Senhor.

O apelo de Deus para nós hoje é para que, como Elias, submetamos nossas vidas completamente a Ele. Precisamos aprender a exercer fé viva nEle através do exercício que Ele nos deixou: a devolução dos dízimos e das ofertas. Como adventistas do sétimo dia, não basta nos alegrarmos de sermos Elias. Temos que viver como ele viveu!

III

de
pe
o
é
de
de
te
p
re

ig
d
M
o
d
d
co
e
é
e
co
ú

o
re
m
fi
1.
2.

Tema 8

Elias e o Deus Redentor

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos nesta semana, conhecemos a maravilhosa profecia de Elias conforme Malaquias 4:5. Vimos que, diferentemente do que muitos pensam, a mensagem central do livro de Malaquias não é sobre dízimos e ofertas, ou fidelidade. O tema central do último livro do Antigo Testamento é sobre *juízo investigativo* (1844), *juízo executivo* (2ª vinda de Cristo) e o envio do mensageiro do Senhor (MI 3:1). Esse mensageiro do Senhor é identificado na profecia com a figura do profeta Elias (MI 4:5). Ele é Elias, porque parte da vida e obra desse grande homem do AT se cumpre na história do Elias profético,¹ e ele é um profeta, pois o cumprimento desta profecia na igreja remanescente dos últimos dias tem o caráter de um chamado profético.

Após conhecermos o cumprimento dessa profecia na história da igreja, especialmente com o retorno de Elias em 1844 e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, surgiu a pergunta: Se o tema de Malaquias é sumamente sobre o *juízo investigativo*, o *juízo executivo* e o envio de Elias, qual é o significado da mensagem de fidelidade nos dízimos e ofertas dentro desse contexto? Ontem respondemos parte desta pergunta ao vermos que dízimos não têm a ver principalmente com dinheiro, mas sim com **confiança**. Vimos que o princípio do dízimo está ligado à árvore do conhecimento do bem e do mal, que dizimar é um ato de **reconhecimento e gratidão** por Deus ser nosso **Criador e Mantenedor**. E ao fazermos isso, estamos depositando nEle nossa **confiança**.² O Elias profético, representado pelos justos que vivem nos últimos dias (MI 3:17, 18), é aquele que exerce fé viva em Deus.

Em nosso último estudo dessa série, veremos qual é o papel das ofertas nesse contexto do Elias profético. E, para isso, procuraremos responder a algumas questões como: (1) Quando foi instituída a primeira oferta? (2) O que representam nossas ofertas? (3) Qual é o significado das ofertas para o Elias profético?

1. Apresentar resumo do quadro profético conforme apêndice 1.

2. Ver quadro ilustrativo no apêndice 2 "Dízimos".

ARGUMENTAÇÃO:

Muitos de nós não temos bem definido o que significam as ofertas. O mais comum é dizermos que as ofertas representam gratidão. Mas gratidão pelo quê? Podemos dizer que os dízimos também representam gratidão, certo? Como vimos, os dízimos representam a nossa gratidão a Deus por Ele ser o nosso **Criador e Mantenedor**. E as ofertas representam nossa gratidão pelo quê?

I – QUANDO FOI INSTITUÍDA A PRIMEIRA OFERTA?

O texto bíblico que nos guiará à resposta desta pergunta está em Gênesis 2:9, 16 e 17: “Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

1 – Se eles comessem do fruto, quando morreriam?

Geralmente, as pessoas respondem que eles morreriam espiritualmente na hora ou no mesmo momento. Mas é isso que a Bíblia está dizendo? O texto diz: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, **NO DIA** em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:17, grifo nosso).

Segundo o que acabamos de ler, se eles comessem do fruto deveriam morrer no mesmo dia. No contexto imediato a essa passagem, compreendemos que um dia corresponde a “tarde e manhã” (Gn 1:5, 8, 13, 19, 23 e 31), ou seja: de pôr do sol a pôr do sol. Isso significa que, independentemente do horário do dia em que Adão e Eva comessem do fruto, eles teriam que morrer até o pôr do sol. E foi exatamente o que aconteceu. Em Gênesis 3:8, encontramos o seguinte: “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela *viração do dia*, esconderam-se da presença do SENHOR” [grifo nosso]. Deus veio ter com eles na viração do dia para lhes dar a recompensa que mereciam por seu pecado: a MORTE! E não era meramente ou somente morte espiritual, pois também no contexto imediato, em Gênesis 2:7, temos a revelação de que a vida é a junção do pó da terra com o fôlego de vida, e a morte seria o inverso disso.

Romanos 6:23 diz que “o salário do pecado é a morte”. Essa morte como consequência do pecado seria somente morte espiritual ou morte eterna? Para aclarar nossa compreensão, vamos levantar outra pergunta: Ao pagar o preço por nossos pecados na cruz do Calvário, Jesus morreu que tipo de morte? Somente morte espiritual (separação do Pai) ou morte eterna? Inevitavelmente, a morte espiritual nos leva à morte eterna. Por conseguinte, uma está intrinsecamente ligada à outra. Para pagar o preço do pecado cometido, Adão e Eva deveriam consequentemente morrer a morte eterna. Sangue deveria ser derramado, e a vida teria que cessar. Mas isso não aconteceu. Não porque Deus tivesse mudado de ideia, o que seria impossível, pois para isso Ele teria que anular a Sua Lei (Mt 3:6). Mas porque foi providenciado um substituto para sofrer a punição da culpa no lugar deles. Apesar de eles não terem morrido naquele dia, houve morte até o pôr do sol. Um cordeiro morreu no lugar deles (Gn 3:21). E aquele cordeiro representava o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” Cristo Jesus, nosso Eterno Salvador.

Você deve estar se perguntando: “Mas Adão e Eva morreram posteriormente, não?”. É verdade, sim. O que acontece é que Deus daria não somente a eles, mas a todos os seres humanos, uma porção de *graça temporal*, ou seja, um período de vida onde todos teriam a oportunidade de aceitar, ou não, o dom gratuito da vida eterna confiando suas vidas inteiramente a Deus. Aqueles que aceitassem esse dom receberiam por fim a *graça eterna*, ou seja, vida eterna no Éden restaurado por ocasião da segunda vinda de Jesus. Em outras palavras, tanto a *vida temporal* como a *vida eterna* são completamente dependentes do eterno sacrifício de Jesus na cruz do Calvário feito por nós. Dessa forma, concluímos que a primeira oferta foi a que o próprio Deus providenciou imediatamente após a queda ou entrada do pecado.

2 – Aquele cordeiro que foi morto após a queda salvou nossos primeiros pais da morte eterna?

A resposta a essa pergunta é não. O motivo está relatado vastamente no livro de Hebreus, capítulos 9 e 10, quando diz que o sangue de nenhum animal seria eficaz para perdoar e salvar do pecado. Mas por que então seriam necessários sacrifícios de ofertas?

Ellen G. White, no seu livro Patriarcas e Profetas, página 37, aclara esse tema apresentando três motivos para os sacrifícios de ofertas:

“As ofertas sacrificiais foram ordenadas por Deus a fim de serem para o homem uma perpétua lembrança de seu pecado, e um reconhecimento de arrependimento do mesmo, bem como seriam uma confissão de sua fé no Redentor prometido”.

- a) Os sacrifícios seriam uma constante lembrança do nosso pecado;
- b) Os sacrifícios seriam um reconhecimento de arrependimento do mesmo;
- c) Os sacrifícios seriam uma confissão de fé no Redentor prometido.

Ou seja, cada vez que um adorador trouxesse uma oferta, estaria: (1) lembrando que era um pecador carente da graça de Deus; (2) reconhecendo que estava arrependido do seu erro; e (3) confessando sua fé em um Redentor vindouro.

Gostaria de ressaltar o terceiro ponto. Uma confissão de fé no Redentor prometido nada mais é do que seu reconhecimento de que aquela oferta não o salvaria do seu pecado, mas que, pela fé, tinha certeza de que o verdadeiro Cordeiro de Deus viria morrer em seu lugar. Dessa forma, os sacrifícios significavam **reconhecimento e gratidão** pelo perdão já recebido, mas que seria efetivamente concretizado no futuro com o sacrifício do verdadeiro Cordeiro (Ap 13:8; 1Pe 1:18-21). Esse é o evangelho eterno conforme encontramos em Apocalipse 14:6 e Mateus 24:14: salvação pela graça mediante a fé tanto para aqueles que viveram no tempo do AT quanto para aqueles que viveram e vivem no tempo do NT. Sendo que esses expressam sua fé no sacrifício que já foi feito na cruz há pouco mais de dois mil anos, enquanto aqueles expressavam sua fé no sacrifício que viria.

II – O QUE REPRESENTA A OFERTA?

Na verdade, a questão não é o que, mas a quem nossas ofertas representam? As ofertas têm sua origem imediatamente após a queda e apontam para o verdadeiro Cordeiro de Deus que veio tirar o pecado do mundo. Todos os tipos de ofertas bíblicas partem desse modelo. As ofertas não eram meramente para o perdão dos pecados, mas especialmente um ato de gratidão. Vemos isso através dos seguintes exemplos bíblicos:

- Gn 4:4 / Abel – reconhecimento e gratidão pelas bênçãos divinas;
- Gn 8:20 / Noé – reconhecimento e gratidão pela proteção após uma grande catástrofe;

- Gn 12:7 / Abraão – gratidão pela promessa de um território;
- Gn 26:24, 25 / Isaque – gratidão pela numerosa descendência;
- Gn 35:7 / Jacó – gratidão pela proteção divina quando fugia do seu irmão;
- Êx 17:15 / Moisés – gratidão pela vitória sobre os inimigos.

Assim como os **dízimos** representam nosso **reconhecimento e gratidão** por Deus ser o nosso **Criador e Mantenedor**, as **ofertas** representam nosso **reconhecimento e gratidão** por Deus ser o nosso **Redentor e Salvador**. Assim como não devolvemos o dízimo para ser abençoados, mas porque fomos abençoados, da mesma forma, não damos uma oferta de gratidão para ser salvos, mas porque fomos salvos.

Então, até aqui, concluímos que dízimos e ofertas não têm a ver primariamente com dinheiro, mas, sim, com **reconhecimento e gratidão**. Trata-se de uma prova de lealdade e adoração, uma questão de em quem escolheremos confiar. Deus escolheu o dinheiro, pois sabe que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6:10). Não somente de alguns males, ou da maioria dos males, mas de todos os males.

Deus deixou para nós os dízimos e as ofertas como um constante exercício para voltarmos a confiar completamente nEle para todas as coisas. Como diz o salmista, “entrega teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará” (Sl 37:5). Quando vemos uma igreja em reforma ou em construção e perguntamos aos membros o que eles precisam para que a obra avance e seja concluída, a uma só voz, eles respondem: “dinheiro!”. O mesmo se dá com as dificuldades financeiras que enfrentamos na vida. Mas de fato precisamos de dinheiro ou de Deus? Infelizmente, temos focado no dinheiro e confiado no que o dinheiro pode fazer. Dessa forma, esquecemo-nos do Deus que tudo pode fazer, de que Ele é o dono de todo ouro e prata (Ag 2:8). Esquecemo-nos de que Ele é infinitamente capaz de fazer muito mais do que pedimos ou imaginamos (Ef 3:20). Cristo mesmo mencionou que não podemos servir a dois senhores. Ou serviremos a Deus ou a Mamom (Mt 6:24). Mamom tem sua raiz no aramaico e significa dinheiro ou o deus dinheiro. A devolução dos dízimos e ofertas foi instituída por Deus para que fosse para nós uma constante lembrança das nossas limitações, para tirar de nós a confiança no eu, e para aprendermos a confiar somente nEle e não no deus Mamom.

Vimos que ninguém que não reconheça a Deus como seu **Criador e Mantenedor** será salvo e, da mesma forma, ninguém que não reconheça a Cristo como seu **Salvador e Redentor** será salvo. Dízimos e ofertas não têm a ver com dinheiro, mas com salvação. Envolve dinheiro, sim, mas o problema está onde colocamos o nosso coração. Para Malaquias, o roubar a Deus nos dízimos e ofertas (Ml 3:8) não significa necessariamente roubá-lo monetariamente, mas sim tirar dEle o direito que Ele tem de ser o nosso **Criador e Mantenedor** (dízimos) e **Salvador e Redentor** (ofertas). Ninguém que não devote a Ele esse reconhecimento poderá ser salvo.

Ilustração: Certa vez uma irmã da igreja, proprietária de uma empresa, chegou ao pastor e lhe disse: “Pastor, tenho passado por muitas dificuldades nos últimos 18 meses. Minha empresa está com muitas dívidas, e não sei mais o que fazer”. O pastor, depois de conversar com ela por algum tempo, perguntou: “Irmã, a senhora tem sido fiel a Deus?”. Ela então respondeu: “Sempre fui fiel pastor, mas no último ano e meio não pude mais devolver meus dízimos e ofertas, pois não sobra nenhum dinheiro”. Ao que ele respondeu: “Irmã, vejo que a senhora não confia em Deus”. A irmã ficou muito brava com o pastor dizendo que era uma cristã fervorosa e que confiava em Deus, sim. O pastor então lhe disse: “Irmã, coloque então sua confiança no envelope”. A questão não é que não sobra dinheiro e por isso não devolvo o dízimo, mas porque não devolvo o dízimo é que não sobra dinheiro. Por mais que a empresa daquela irmã não estivesse dando qualquer lucro nos últimos meses, havia uma retirada de fundos para a manutenção da vida e deste numerário deveria vir a resposta de gratidão em dízimos e ofertas. Não basta eu dizer que creio. Tenho que demonstrar que creio.

Deus espera que concretizemos a nossa crença de que Deus é nosso **Criador** (dízimos) e de que Cristo é nosso **Redentor** (ofertas), trazendo nossas dádivas à casa do tesouro (Ml 3:10).

III - QUANTO OFERTAR

Os dízimos representam 10%. E as ofertas? A Bíblia menciona que nossas ofertas deveriam ser dadas de acordo com o nosso coração (2Co 9:7). No entanto, se as ofertas significam nosso **reconhecimento e gratidão** a Deus por ser Ele em Cristo o nosso **Redentor e Salvador**, a pergunta é: quanto o sacrifício de Jesus na cruz do Calvário para sal-

vá-lo(a) significa para o seu coração? Significa alguma coisa, qualquer coisa, o que sobrou, ou TUDO?! Deus não estipulou um valor percentual para as ofertas porque não há como mensurar o sacrifício de Cristo em nosso lugar. Para nos salvar, Deus não escolheu do Céu alguma coisa, qualquer coisa ou o que sobrou, Ele escolheu o melhor. Deveríamos também trazer ao Senhor do melhor das nossas rendas uma oferta de gratidão a Deus pela bênção da salvação que foi doada na cruz.

Como os dízimos são o nosso reconhecimento e gratidão por Deus ser o nosso Criador e Mantenedor, e as ofertas são o nosso reconhecimento e gratidão por Deus ser o nosso Redentor e Salvador, deveríamos dar em dízimos e ofertas no mínimo o mesmo reconhecimento e gratidão.³

IV - COMO OFERTAR

No AT, quando um adorador trazia o cordeiro para ser sacrificado, quem determinava o fim que deveria ser dado à oferta era o próprio Deus. Da mesma forma hoje, quando levamos uma oferta de gratidão à igreja, devemos deixar que Deus determine o fim que Ele deseja para as nossas ofertas. Assim como o Cordeiro de Deus foi enviado para salvar o mundo, nossas ofertas também devem levar a salvação a todo o mundo. Por esse motivo, para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a maior parte das nossas ofertas fica na igreja local (60%), parte é aplicada na construção de igrejas no campo local (20%) e outra parte segue para projetos missionários em todo o mundo (20%).

Quando destinamos nossas ofertas para algum fim específico como construção, reforma ou departamentos da igreja, essas “ofertas” deixam de ser ofertas e passam a ser doações. Nada nos impede de doarmos quantias especiais para fins específicos, mas deveríamos fazer isso depois de darmos nosso pacto de sacrifício em reconhecimento e gratidão a Cristo por ser Ele nosso Redentor e Salvador. Ellen White diz o seguinte: “Mostrar um espírito liberal, abnegado para com o êxito das missões estrangeiras, é um meio seguro de fazer avançar a obra missionária na pátria [...] Embora seja pequena a vossa oferta, não hesiteis em trazê-la ao Senhor. Se for dada com um coração cheio de amor pelo Salvador, a mais pequenina oferta torna-se uma dádiva incalculável, a qual Deus aprova e abençoa” (*Obreiros Evangélicos*, p. 465, 466).

3. Ver quadro ilustrativo no apêndice 2.

V – O ELIAS PROFÉTICO E AS OFERTAS

Da mesma forma como a mensagem do Elias profético está conectada ao Deus criador: “[...] adorai aquele que fez [...]” (Ap 14:7), ela também está relacionada ao Deus redentor: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno [...]” (Ap 14:6). A criação e a redenção são as marcas do Deus de Elias. Ofertar no contexto do juízo investigativo não é simplesmente dar um dinheiro ou uma ajuda para a igreja. Para o Elias profético, as ofertas representam seu reconhecimento e gratidão a Deus por, em Cristo, ser Ele o seu Salvador e Redentor. Por ter a incumbência divina de ter que pregar o evangelho eterno em todo mundo, o Elias profético entrega seu pacto de sacrifício para que seja usado de acordo com a vontade de Deus.

VI – BÊNÇÃO SEM MEDIDA

Malaquias diz que, para aqueles que fossem fieis nos dízimos e nas ofertas, Deus abriria as janelas do céu e derramaria sobre eles uma bênção sem medida (Ml 3:10). Qual é o significado das janelas do céu abertas e da bênção sem medida?

- a) **O derramamento do Espírito Santo:** Ellen White menciona que “Antes de os juízos finais de Deus caírem sobre a Terra, haverá, entre o povo do Senhor, tal **avivamento da primitiva piedade** como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. O **Espírito e o poder de Deus serão derramados** sobre Seus filhos [...] Quando as igrejas se tornarem igrejas vivas e atuantes, o Espírito Santo será concedido em resposta ao seu sincero pedido. [...] **Então as janelas do Céu se abrirão para os aguaceiros da chuva serôdia**” (*Eventos Finais*, p. 186 e 193, grifo nosso). Segundo Ellen White, as janelas do céu se abrirão para recebermos a plenitude do Espírito Santo por ocasião do derramamento da chuva serôdia. Essa é a primeira parte da bênção sem medida que será derramada sobre o Elias profético. Receberemos os aguaceiros da chuva serôdia. Segundo Malaquias, essa bênção será derramada somente sobre aqueles que forem fieis. Eles possuem o espírito de Elias – submissão completa das suas vidas ao Espírito Santo – e exercem fé viva em Deus.⁴

4. Ellen G. White: Manuscript Releases, v. 1 – Cap. 66/No. 81.

- b) **A vida eterna:** no contexto de Malaquias, a bênção sem medida não tem a ver principalmente com prosperidade nesta vida, mas sim com o recebimento da vida eterna por ocasião da volta de Jesus no grande dia do Senhor. Malaquias diz que para os justos “[...] nascerá o Sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas [...]” (MI 4:2). Para Malaquias, a vida eterna é a bênção que não tem como ser medida.

CONCLUSÃO

O princípio dos dízimos está ligado à árvore do conhecimento do bem e do mal e foi instituído antes da queda. Quando dizimamos, reconhecemos a Deus como nosso Criador e Mantenedor. Ao fazermos isso, depositamos nEle nossa confiança. Não dizimamos para ser abençoados, mas porque fomos abençoados.⁵

O princípio das ofertas está ligado ao Cordeiro de Deus e foi instituído imediatamente após a queda. Quando ofertamos, estamos reconhecendo a Deus, em Cristo Jesus, como o nosso Salvador e Redentor. Ao ofertarmos, estamos depositando nEle nossa plena confiança. Não damos oferta de gratidão para ser salvos, mas porque fomos salvos.⁶

Dizimar e ofertar são um exercício de fé e confiança que prepara o mordomo de Deus, no tempo do juízo investigativo, para o recebimento da chuva serôdia.

Para o Elias profético, os dízimos e as ofertas têm um caráter salvífico e devem alcançar todo o mundo. A adoração ao Deus Criador e o evangelho eterno devem ser pregados em todo mundo para testemunho a todas as nações (Ap 14:6, 7). Por esse motivo, os dízimos e as ofertas que damos na igreja devem ser distribuídos em todo o mundo.

APELO

Após o estudo de hoje, vimos que todo verdadeiro mordomo de Deus cumpre plenamente o papel de Elias. Quantos nessa manhã gostariam de cumprir o papel do Elias profético fazendo uma aliança de fé com Deus e sendo fieis a Ele nos dízimos e nas ofertas?

5. Ver quadro ilustrativo no apêndice 2.

6. Idem.

Apêndice 1

Profeta Elias 1 e 2 Reis	Profetizou sobre um período de seca Motivo: apos- tasia por causa da idolatria (adoração a ima- gens e sol, etc.)	Fuga para o deserto Três anos e meio sustentado pelo Senhor	Retorno Restauração do altar do Senhor	Fogo do céu Desce fogo do céu e consome a oferta	Nuvem Nuvem que se levanta do mar
Elias Profético Malaquias 4:5	Passou por um período de seca Motivo: apostasia por causa da idolatria (adoração a imagens e sol, etc.)	Fuga para o deserto 1260 anos sustentado pelo Senhor (Ap 12:6)	Retorno Restauração do altar e seus significados no ritual do santuário	Fogo do céu Manifestação do Espírito Santo	Nuvem Nuvem que vem do oriente (Ap 14:14-16; 1:7; Mt 24:27, 30; 2Ts 4:17)
Cumprimento da Profecia	 IV século - surgimento da igreja romana	538 d.C. - 1798 d.C. Supremacia papa, Idade Média, inquisição, cruzadas.	22 de outubro de 1844 Surgimento da IASD	Dom profético de Ellen White Chuva serôdia	Volta de Jesus, nossa bendita esperança

Apêndice 2



DÍZIMOS

- 1 – O princípio do dízimo está ligado à árvore da ciência do bem e do mal;
- 2 – Quando dizimamos, estamos demonstrando nosso RECONHECIMENTO e GRATIDÃO por Deus ser o nosso CRIADOR e MANTENEDOR;
- 3 – Ao fazermos isso, estamos depositando nossa plena CONFIANÇA em Deus;
- 4 – Não dizimamos para ser abençoados, mas porque fomos abençoados.

OFERTAS

- 1 – O princípio das ofertas está ligado à primeira oferta instituída após a queda;
- 2 – Quando ofertamos, estamos demonstrando nosso RECONHECIMENTO e GRATIDÃO por Deus ser o nosso SALVADOR e REDENTOR;
- 3 – Ao fazermos isso, estamos depositando nossa plena CONFIANÇA em Deus;
- 4 – Não ofertamos para ser salvos, mas porque fomos salvos.

QUANTO E COMO OFERTAR?

1. Dízimos: Deus estipulou o valor: 10%.
2. Ofertas: Deus não estipulou o valor. Ele disse que deveria ser de acordo com o nosso coração. No entanto, se a oferta representa Jesus e o que Ele fez por nós, quanto que esse sacrifício representa para o seu coração? Representa alguma coisa, qualquer coisa, o que sobrou ou TUDO? Deus, para a nossa salvação, não escolheu alguma coisa, qualquer coisa ou o que sobrou do céu. Ele nos deu o melhor.
3. Como temos visto, dízimos e ofertas não têm a ver com dinheiro, mas, sim, com CONFIANÇA, RECONHECIMENTO E GRATIDÃO. Sendo assim, nosso reconhecimento e gratidão por Deus ser o nosso **Redentor e Salvador** (ofertas) deveria ser menor do que o sacrifício de Ele ser nosso **Criador e Mantenedor** (díizimos)? Cremos que não. Esse reconhecimento deveria ser pelo menos igual ou maior, pois o sacrifício de Jesus em nosso favor é imensurável.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

[illegible]